



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação

KAROLYNE ANTUNES DE SOUZA

**MENSAGEM E RUA A PARTIR DE FALAS DE PIXADORES E
GRAFITEIROS DO DF**

Brasília - DF

2018

KAROLYNE ANTUNES DE SOUZA

**MENSAGEM E RUA A PARTIR DE FALAS DE PIXADORES E
GRAFITEIROS DO DF**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade de Brasília
como parte das exigências para a
obtenção do título de Comunicação Social
com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Russi

Brasília - DF

2018

Banca Examinadora

.....
Professor Dr. Pedro Russi
Orientador

.....
Professora Dra. Fabíola Calazans
Examinadora

.....
Professora Ma. Ursula Diesel
Examinadora

.....
Professora Ma. Emília Silberstein
Suplente

Brasília, dezembro de 2018.

Não só pelo trabalho produzido, mas pela pessoa que sou, agradeço à minha mãe, irmãs e namorado, pessoas preciosas na minha evolução que sempre me apoiaram e fizeram parte da minha construção e responsabilidade social.

Agradeço ao meu orientador Pedro Russi que foi um amigo, professor e orientador cuidadoso e a Universidade de Brasília, lugar de aprendizado e construção.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) procura entender e analisar entrevistas espontâneas e fotografias produzidas; para isto, se torna necessário entender o lugar de fala destes meninos e meninas. “Pixação” com “x” é um termo usado em protesto à “pichação” com “ch”, pois a palavra influencia uma leitura mais suja, das ruas. O pixo, como é chamado nas ruas, tem várias vertentes, já que é uma arte personalizada pelo próprio autor, podendo mudar de estilo a cada risco. Dentre todas as análises contidas no uso da pixação, esta pesquisa buscou conversar com pixadores e ex-pixadores do DF (Distrito Federal) e assim captar a lógica de produção feita por eles. Foram 12 entrevistas produzidas e analisadas ao longo do trabalho. Um dos objetivos deste trabalho está em dar continuidade ao debate dentro da academia sobre a forma de comunicação da cidade (urbe), a partir dessas apropriações ou ressignificações entendidas como ‘pixação’. Trato da comunicação através da pixação, graffiti, atos artísticos, urbanos e políticos que é possível de serem vistos por todas as cidades do DF. Por meio das entrevistas foi possível reforçar algumas ideias e desmistificar outras. A pixação e o graffiti vandal vão além de um ato de rebeldia, são também uma comunicação, um protesto e uma forma de mostrar que está vivo. Nesta pesquisa foi possível entender que quando esses pixadores e grafiteiros estão na rua, corre uma adrenalina, um medo misturado com emoção. Os autores do pixo não querem que este ato seja legalizado, não querem apanhar da polícia, mas querem que as autoridades da cidade se sintam impotentes perante os artistas da cidade. É uma guerra de poder nas ruas.

Palavras-chave: Pichação; Pixo; Urbe; Graffiti; Rua

LISTA DE IMAGENS

Fotografia 1: Pixação no Guará 2; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 2: Bomb em Taguatinga; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 3: Parede vermelha com a frase “Bom, isso é uma forma de terminar isto. Obrigada, foi divertido” ; Fonte: Anônimo

Fotografia 4: Pixação em entrada de prédio no Riacho Fundo 1; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 5: Pixação em banca de feira no Núcleo Bandeirante; Fonte: Autora, 2018

Imagem 6: Print retirado de notícia publicada pelo jornal Metrôpoles; Fonte: Metrôpoles

Fotografia 7: *Street art* na parede do Centro Cultural Renato Russo em Brasília; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 8: Pixações com cunho político na parede na Biblioteca Central da Universidade de Brasília; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 9: Pixações da parede de igreja no Centro de Taguatinga; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 10: Graffiti na parede do Centro Cultural Renato Russo em Brasília; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 11: Graffiti na parede do Centro Cultural Renato Russo em Brasília; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 12: Bomb no Riacho Fundo 1; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 13: Bomb em Taguatinga; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 14: Grapixo no EPNB, entrada Park Way; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 15: Grapixo no EPNB, entrada Park Way; Fonte: Autora, 2018

Fotografia 16: Pixação em prédio no Plano Piloto; Fonte: Autora, 2018

SUMÁRIO

1. Introdução e justificativa	8
2. Para entender o processo comunicativo do pixo e do graffiti	20
2.1. Respeito entre pixadores e grafiteiros	21
2.2. Apropriação da cidade	24
3. A comunicação surpreende	28
3.1. Mídia off	29
3.2. O crime é relativo	31
4. Estilos de arte urbana	33
4.1. Pixação	34
4.2. Graffiti (ou street art)	36
4.3. Graffiti Vandal (Bomb)	37
4.4. Grapixo	39
5. O DF e sua relação íntima com o Pixo	39
6. Não é o fim	42
7. Bibliografia	45
8. Apêndice	47

1. Introdução e justificativa

A motivação para tratar deste tema surgiu de vários fatores, dentre eles a minha própria experiência e vivência com a pixação, mais especificamente na escola pública, no Ensino Fundamental. Convivi com amigos e conhecidos que eram pixadores e participavam de gangues, escreviam em cadeiras e muros da escola e ensinavam o alfabeto para os amigos. Essa relação, mesmo que passageira, foi forte o suficiente para deixar uma marca, assim como o combate que se tinha nas escolas públicas contra a pixação. Na Escola Classe 02 do Riacho Fundo 1 havia um projeto chamado Picasso Não Pichava, onde usavam o graffiti como uma forma didática contra a pixação e a criminalidade que muitas vezes estava ligada à pixação. A metodologia do Projeto era muito questionável, no meu ponto de vista enquanto estudante da periferia. A vivência com colegas envolvidos no ato ocorreu por volta do ano de 2006.

No bairro onde moro (Riacho Fundo 1), a criminalidade e o uso de drogas são vistos em várias esquinas, assim como a pixação que está marcada em cada muro da rua. Os moradores da comunidade se tornam tanto leitores dos rabiscos na parede quanto autores indiretos da prática. Ser ator indireto significa fazer parte da sociedade, seja para apoiar a criminalização, a cena urbana, a livre expressão ou a cidade limpa etc.

Por um tempo me perguntei porquê é importante compreender o processo comunicacional da pixação e do graffiti. Trabalhar a pixação e o graffiti vandal vai além de uma análise comunicacional. O sentimento de paixão que percorre esse ato, para alguns artístico, deve ser lido de que maneira? Jovens das periferias de Brasília que querem ser lidos, enxergados por uma massa que passa e não vê, vê e não sente, encontraram nessa arte de rua seu lugar de visibilidade.

Para mim, enquanto pesquisadora da área de Comunicação Social, vejo esse tema como uma importante abertura de uma nova perspectiva dentro da área. O debate da questão social em relação a comunicação. Pode parecer óbvio que esses temas são tratados na academia, mas é muito pelo contrário. Com a minha

experiência de 5 anos na Faculdade de comunicação na Universidade de Brasília, quase não vi o debate social dentro da faculdade. O debate sobre a influência da periferia na vida de toda a cidade é inexistente, salvo disciplinas com maior abertura para debate social na sua ementa, onde os alunos aproveitavam para propor o debate. Este tipo de assunto é levado para outras ciências sociais, como antropologia, história ou serviço social, mas na comunicação continua adormecido. Em Brasília, é possível ver o pixo não só nas periferias, mas também nas áreas residenciais de classe média alta, assim como na Universidade, que está localizada nesta segunda área.

Não sei se vocês sabem, mas a pixação foi criada nas periferias como uma forma de mostrar que a parte esquecida não está realmente esquecida, estavam querendo ter um espaço na sociedade, pode ser pelo lado bom, pode ser pelo lado ruim. Pra¹ muita gente é coisa ruim. Então assim, foi a forma que encontraram de entrar pra sociedade, pra ver eles e não passar esquecido, passar batido. Então é uma forma de mostrar o cotidiano que você vive. Se você perceber, a maioria dos pixadores são de cidades satélites. Você já cresce vendo os pixadores, as gangues. Então assim, é uma coisa das classes baixas, né. - Golk

Os pixadores moradores de periferias conseguiram chegar em locais antes inacessíveis para eles, mesmo que através de um ato ilícito. Entretanto, não é de surpreender que uma arte periférica seja marginalizada e criminalizada. No Brasil em geral, mais especificamente em Brasília, é possível ver uma política muito forte de higienização por parte dos governantes. A população quer uma cidade limpa, mas não entende de que forma é feita essa higienização que muitas vezes é feita através de genocídio da população negra, falta de moradia para os sem teto e muitas outras formas desumanas de “limpar a cidade”.

Pessoalmente, acredito que tratar de pixação e graffiti vandal pode trazer uma nova consciência de comunicação urbana para a comunidade acadêmica. Meu maior desejo com essa pesquisa é que o tema deixe de ser tabu e passe a ser parte

¹ As transcrições das entrevistas foram feitas da forma como foram ditas. Não houve alteração.

da introdução à comunicação. Outro objetivo que tive ao escolher o tema, é o senso de que é preciso devolver algo para a comunidade. Quando uma estudante negra e moradora da periferia consegue entrar em uma universidade pública, é carregada a consciência de que é preciso dar um retorno para o lugar de onde veio.

Ele sabe que se não for daquela forma ali, ele vai continuar sendo um Zé ninguém morador de um bairro que ninguém conhece, ninguém entende e muito provavelmente vai para um caminho ruim, ou não vai ter estudo, não vai ter nada, não vai ganhar essa notoriedade... toda criança sonha em ser alguém conhecido, ter um reconhecimento... - Bonos

Podemos começar a nos indagar sobre como esse cenário pode influenciar as ações desses jovens e, além disso, como eles se comunicam com a cidade e com os pedestres. Essa comunicação com a cidade e com os transeuntes se dá por todos os lados, tanto dos pixadores, quanto dos demais cidadãos. Mais a frente, com as entrevistas anexadas neste trabalho, é possível perceber a discrepância entre a ideia de comunicação dos pixadores e a real comunicação feita por eles.

Não importa nesta pesquisa a posição crítica do leitor sobre os pixos, o que importa aqui é a compreensão da mensagem que é passada por esses pixadores. A escolha por este tema se deu por esta breve experiência e, por ser pesquisadora da área de Comunicação Social, enxergar esse assunto como de extrema importância na discussão dentro da academia.

A pesquisa em questão busca investigar qual o impacto comunicacional dessas pixações na sociedade, a fim de compreender e analisar o que, de fato, o que os autores das artes apresentam em termos comunicativos ao leitor. A pesquisa quer evidenciar o grito calado desses artistas., ser um catalisador dessa mensagem escrita por eles.

Fotografia 1 - Pixação no Guará 2



Fonte: Autora, 2018

Segundo Pross (1972), o corpo pode ser entendido como a peça principal/essencial no processo de comunicação. Ele não está separado do muro nem da tipografia utilizada. O corpo é um elemento discursivo que faz parte do processo de comunicação da pixação e do graffiti. Sendo assim, a peça essencial nessa pesquisa é o próprio corpo, mas também o muro, a tipografia utilizada e a cidade, chamados de mídia off. Pixação é uma técnica de comunicação utilizada pelos autores, assim como o local e forma artística/traço também se tornam técnicas de comunicação, para que a mensagem chegue ao receptor. Tornando os pixadores comunicadores, tanto quanto os artistas de galeria, grafiteiros conceituados e cineastas da área. Essa comunicação se faz no ambiente “off”, fora das mídias sociais. Pixadores, Estado, governo, força policial, transeuntes (demais cidadãos) e centros culturais são os sujeitos sociais envolvidos na pesquisa.

O pixo e o graffiti são comunicações feitas no ambiente off, que passam por ressignificações da cidade (seja por alterações do governo) e ressignificações da própria sociedade. Alex Toledo e Paulo Dalgalarro (2008, p. 287) também demonstram, com falas de pixadores, que a “mordada” aplicada pela lei e força policial não funcionam. Isso aumenta o grau de adrenalina dos pixadores e faz com que eles procurem formas mais criativas de continuar na prática.

É você sair do seu comodismo e ir lá de frente para o muro, com qualquer um passando, faça chuva faça sol, e você chegar lá e pregar a sua *tag*. Isso que vai te dar adrenalina, secar a sua boca, que vai disparar o coração... tem muitos que vão pela adrenalina. Só quem tá lá na hora que sabe. Mas eu acho que se o pixo fosse legalizado ele não seria o pixo que um dia eu conheci. - Fade

A comunicação produzida pela pixação e pelo graffiti passam por influências diferentes, mas carregam um significado muito próximo um do outro. Por um lado, a população ingere mais facilmente o graffiti por ser lida pela maioria como uma arte mais colorida e informativa visualmente. Já muitos dos pixos só podem ser “compreendidos” pelos próprios pixadores e são feitos (na maioria das vezes) com tinta preta, sem muito tempo ou disposição para se trabalhar em traços e técnicas elaboradas. Segundo Cris Bartis e Ju Wallauer, 2017², a arte pode ser compreendida por todos, cada um a compreende de acordo com sua “mala”, vivências e entendimentos adquiridos ao longo da vida.

o que eu acho bonito, o que eu acho belo, não necessariamente você tem a obrigação de achar bonito, achar belo. Então, quando as pessoas fazem uma crítica em relação a uma pixação, eles estão fazendo baseado naquilo que já vem na cabeça deles, eles já estão sendo influenciados a achar que ali é errado sem entender o porquê daquilo, ele não sabe qual mensagem, não sabe o que é, o que tá escrito, não sabe o que tá acontecendo ali, e muitas vezes eles costumam acreditar que o graffiti tem uma diferença em relação a pixação, só pelo fato de que aquilo ali, em algum momento foi aceito, em algum lugar, por alguma pessoa, ou seja, todo mundo é manipulado a aceitar a verdade de uma outra pessoa. - Bonos

Uma das características da pixação é a velocidade. Diferentemente do graffiti, o pixo carrega a estratégia de ser veloz. É uma técnica que carrega tensão constantemente, pois trabalha com a não aceitação da população, o perigo de ser

² Podcast Mamilos, episódio #120. Pode ser encontrado pelo endereço: <https://www.b9.com.br/79101/mamilos-120-arte-para-que-serve/>

pego pela polícia, o perigo de ser violentado por moradores armados, o perigo de cair do local, do deslocamento que muitas vezes é feito a pé ou de transporte coletivo. Enfim, dizer que a pixação é uma técnica menor que o graffiti não se aplica, pois cada um propõe leituras diferentes.

A pixação é a resistência para que muitos desses jovens marginalizados saiam de casa e risquem seus vulgos³ nos muros para que a cidade os veja. Os pixadores não querem ser presos pelo que fazem, mas também não querem que se torne uma prática aceita pelo Estado. A vontade desses jovens de mostrar que têm um nome é a questão antropológica e filosófica que percorre o tema. Com o decorrer da discussão será possível entender essa questão, que à primeira vista parece antagônica.

Os pixadores se apropriam da cidade para torná-la sua também, mostrar a assimetria entre a sujeira do pixo e a sujeira da cidade. Essa é a crítica social embutida em cada rolezinho⁴ pela cidade. Antropologia, criminologia social, psicologia, filosofia, todas essas áreas de conhecimento se tornam importantes para tentar entender o todo da questão.

A pixação segue inúmeras vertentes, seja ela de caráter político, de autopromoção ou só por diversão, ou de qualquer outro caráter, não deixa de ser pixação. Neste trabalho vamos usar pixação com a letra 'x', que é um termo usado em protesto à "pichação" com "ch", pois a palavra acarreta uma leitura mais suja, vandal⁵.

Voltando ao conceito de mídia primária, dado por Harry Pross (1972), de que o corpo é a peça essencial no processo de comunicação e que tem incontáveis possibilidades de produção de linguagens. Ou seja, o autor que usa de suas ferramentas físicas para comunicar, trabalha diretamente com a essência da comunicação. Tratar de processos comunicacionais pouco comuns é como abrir uma nova porta para que a academia fale de assuntos antes tratados como tabu.

³ Como a pessoa é conhecida. Apelido popularmente conhecido. Nome fictício.

⁴ Como é conhecido os passeios feitos por grandes grupos de jovens.

⁵ Termo usado por pixadores e comunidade, sinônimo para marginalizada.

Sendo todo ato um ato comunicacional é preciso que o autor disponha das ferramentas e decida qual a melhor forma de transmitir a mensagem. Além do pixo ser comunicação, trata-se de um aspecto de transformação, dito por uns como arte e por outros como sujeira (vide Dória na cidade de São Paulo⁶). Mas como distinguir esses adjetivos? “Convém compreender a comunicação como transformação, invés de simples transferência/deslocamento de dados” Russi (2009, p. 03). apud. Tainara Andressa (2013, pg. 08). Rabiscar muros é um ato de resistência que busca transmitir uma mensagem. Mas saber qual é a mensagem, depende do leitor.

O problema de pesquisa é compreender a mensagem da pixação a partir das entrevistas espontâneas produzidas com pixadores, ex-pixadores e grafiteiros no estilo vândalo do Distrito Federal. O objetivo geral do trabalho consiste em analisar as entrevistas e identificar reflexos da lógica de comunicação e apropriação da cidade.

Para isso, eu enquanto pesquisadora senti a necessidade de fazer uma curadoria de trabalhos teóricos já produzidos no próprio tema e em outros temas que percorrem a problemática da pixação e do graffiti vândalo. Com isso se torna possível analisar a cidade, conceitos das mais variadas espécies e áreas humanas e sociais. Também foi percebida a necessidade de entrevistar pixadores e ex-pixadores com vivências no Distrito Federal (DF); mapear as principais áreas de pixo no DF para então fazer fotografias; encontrar esses pixadores e ex-pixadores para realização das entrevistas; identificar os estilos de pixo utilizados na área para então exemplificar no trabalho e enriquecer a discussão; e por último, analisar a mensagem da imagem e como esses pixadores enxergam a mensagem que é passada. Além dessa análise visual, foi necessário fazer uma análise do entendimento de vários outros conceitos tratados no trabalho teórico, como conceito de cidade, de limpeza, de protesto e comunicação.

Esta monografia dá continuidade ao artigo produzido para publicação em congresso do ProIC - Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília, até então também divulgado na II Jornada Discente de Pesquisa em Comunicação – PPGCom/UnB.

⁶ Acesso: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1850437-campanha-de-doria-contra-pichacao-reacende-guerra-do-spray-em-sp.shtml>

A principal ferramenta metodológica para obter informações acerca do tema foi a realização de entrevistas com pixadores e ex-pixadores do Distrito Federal e Entorno, trazendo o ponto de vista de dentro do movimento, dando propriedade a pesquisa e trabalho produzido. As entrevistas foram captadas em áudio e posteriormente transcritas para análise e comparação.

Para realizar as entrevistas, foi preciso fazer uma curadoria de nomes. Usei contatos antigos e mídias sociais (whatsapp, Instagram e Facebook) para procurar pessoas interessadas em realizar as entrevistas. A pesquisa foi pensada, elaborada e aplicada em conjunto com um outro pesquisador graduando da área de Ciências Políticas.

No total foram 12 entrevistas feitas e decupadas. Quase total dos entrevistados têm entre 20 e 30 anos, todos moradores de satélite, como Gama, Valparaíso, Riacho Fundo 1 e 2, Águas Claras, Taguatinga, Ceilândia, Vicente Pires, Paranoá, Goiânia e São Paulo. As entrevistas duraram entre 10 e 40 minutos e foram feitas sempre na rua.

Segundo Jorge Duarte (2005, p. 64), a entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. As entrevistas realizadas seguiram o seguinte modelo:

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Semi-estruturadas	Aberta	Roteiro	Profundidade	Indeterminadas

As questões semi-estruturadas se baseiam em um modelo de roteiro onde as questões são estruturadas com antecedência, mas sem exatidão nas perguntas elaboradas, possibilitando pequenas modificações ao longo da entrevista de acordo com a conversa.

A entrevista aberta busca tratar o tema com fluidez e de forma flexível, sem sequência fixa ou questões com respostas predeterminadas. Um tema inicial é trabalhado e desenvolvido de acordo com o ritmo do entrevistado. Porém, nesta entrevista, será utilizado a mesma estrutura pré-pronta para todos os entrevistados. O grande desafio do entrevistador está em manter o foco da entrevista e sempre trazer o assunto de volta ao central, realizado, na maioria das vezes, com roteiros semi-estruturados.

Nas entrevistas foram trabalhadas diversas perguntas que abrem espaço para uma conversa dinâmica com o pixador e ex-pixador. A experiência de fazer as entrevistas de campo enriqueceram a discussão da pesquisa, pois apesar de tantos entrevistados, o pensamento seguia uma linha entre eles. Muitas respostas são parecidas umas com as outras, salvo algumas que se saíam do padrão.

Para fazer as entrevistas, ou melhor, conversas, foi preciso ultrapassar algumas barreiras e dificuldades. Tudo começou com o primeiro contato, em que precisei procurar antigos amigos que talvez conhecessem pixadores pelo DF e que estivessem abertos a conversar. Consegui poucos contatos inicialmente, mas na medida que fiz a primeira e segunda entrevistas, com os próprios pixadores foi possível encontrar outros.

Com uma lista ainda pequena de pessoas para entrar em contato, recorri à divulgação no Instagram, Facebook e Twitter para que outros conhecidos pudessem indicar mais nomes. Funcionou. Fiz mais de 30 contatos e recebi muitas recusas, seja por medo, falta de interesse ou até o sentimento de que o pixo deve ficar somente para os que pixam, um assunto particular. Dentre esses contatos, apenas 4 eram mulheres e 2 aceitaram ceder entrevista. Para marcar as entrevistas foi preciso uma força tarefa. Foram vários dias conversando com os pixadores para que pudessemos marcar as entrevistas pessoalmente, e mesmo assim, 2 precisaram ser feitas via whatsapp, pois eram pixadores de grande notoriedade que estavam impossibilitados de fazer esta entrevista pessoalmente.

Com as entrevistas marcadas, foi preciso fazer o deslocamento para os encontrar. Todas as entrevistas foram feitas na rua, desde Gama até UnB Campus Darcy. Alguns mais fáceis de acessar, outros nem tanto. No total, 21 entrevistas

foram feitas, mas apenas 12 foram decupadas e usadas no trabalho. Isso ocorreu porque alguns áudios não atingiram a qualidade necessária para fazer a transcrição e outras estavam com baixa qualidade quanto a conteúdo. As entrevistas eram feitas independentemente do estado físico e mental do entrevistado, alguns deles estavam sob efeito de álcool e/ou maconha, o que atrapalhava a plena consciência sobre o que era conversado. Infelizmente a pesquisa teve esta pequena perda de material, mas apesar disso, as experiências foram de grande valor. Mesmo que não estejam no material físico, estão no meu entendimento sobre o tema e enriquecimento no debate.

A seguir explicarei porquê essas perguntas são importantes para eu entender esses elementos e lógicas de resistência de produção dos pixadores:

<p>Como você começou a pixar?</p>	<p>A importância dessa pergunta está em compreender o contexto do pixador, saber seu local de fala e entender sua complexidade na cidade e assim dar prosseguimento à conversa. Nessa pergunta muitos já começavam a contar sua história de vida, fora alguns mais tímidos. Ainda assim, a maioria seguiu o padrão de aproveitar a abrangência da pergunta. Aqui, muitos já respondiam questões que seriam feitas posteriormente.</p>
<p>Sentimento de ser dono da rua</p>	<p>Essa foi a pergunta mais polêmica, digamos assim, muitos cediam à provocação e brigavam com a pergunta. As respostas foram as mais variadas possíveis, desde “nunca serei o dono da rua” até “isso tudo é meu também”. Trabalhar a provocação nas perguntas</p>

	<p>foi um obstáculo que eu, como pesquisadora, precisei passar por cima. Assim como a pergunta “O pixo deveria ser legalizado?”, ela foi feita para provocar o entrevistado.</p>
<p>Você acha que está se comunicando?</p>	<p>Foi uma pergunta que, infelizmente, não rendeu muito debate, apesar de ter sido feita para que o entrevistado se sentisse à vontade em dizer o que pensa sobre o que faz. A maioria respondeu de forma parecida, quando diziam que não estavam se comunicando. Aqui foi possível perceber o conceito de comunicação que se tem nas ruas, na população. A comunicação não parece ser algo que as pessoas se preocupam em fazer. Apesar de que no decorrer da pesquisa eu refuto essa ideia dos pixadores. Pergunta para fazer uma “ponte” entre o pensamento teórico e a realidade.</p>
<p>É um protesto?</p>	<p>Aqui as opiniões são variadas, mas vão muito de encontro com a pergunta anterior sobre a comunicação. Poucos enxergam de fato o protesto que há na comunicação do pixo. A visão dos próprios autores é muito simplista em relação ao que eles fazem. Alguns ex-pixadores que atualmente estudam o assunto deram uma resposta</p>

	diferenciada.
Você enxerga a diferença entre pixar e grafitar?	Uma pergunta complexa para muitos dos entrevistados. As respostas foram variadas. Alguns apoiam e outros renegam o graffiti atual. Alguns tem nostalgia do graffiti vândalo, outros defendem. Muitos dos pixadores têm ligação com o graffiti de alguma forma.
Considera o pixo como arte?	O debate artístico para os pixadores é algo muito simples. É arte e pronto, não tem o que questionar. Ela é um fato que se está livre para julgar, para entender dela o que bem quiser, mas questionar se isso é arte ou não, não é uma opção.

Para melhor compreensão do trabalho total, segue uma explicação de cada capítulo criado no trabalho. No capítulo 2. começo a análise das entrevistas com os pixadores e trato de conceitos para auxiliar na leitura e entender os processos comunicativos do pixo e do graffiti que eu trago para esta pesquisa. Neste mesmo capítulo entram os subtítulos “respeito entre pixadores e grafiteiros” e “apropriação da cidade”. O objetivo deste capítulo foi introduzir o leitor e também dar um contexto para a pixação e o graffiti.

No capítulo 3. começo a falar diretamente do tema comunicacional, com o título “a comunicação surpreende” e os subtítulos “mídia off” e “o crime é relativo”. Trabalhei temas extraídos das entrevistas e de pesquisas teóricas. Será possível perceber que os títulos carregam uma abrangência, que foi intencional.

No capítulo 4. falo dos estilos de arte urbana tratados na pesquisa, explicando a pixação, o graffiti (street art), o graffiti vandal (bomb) e o grapixo. Os conceitos

foram criados a partir da vivência e observação da cidade, também a partir das entrevistas e de leituras feitas. É possível que haja discordância dos conceitos construídos, mas a arte se trata disso, de várias significações.

No cap. 5. e último trato da relação do pixo com a cidade do DF. Uma relação íntima e forte que é expressa nas paredes e que carregam significados e características para além do que é possível ler artificialmente nas paredes da cidade.

2. Para entender o processo comunicativo do pixo e do graffiti

Eu penso e reflito o pixo todos os dias, na rotina, seja indo ao trabalho ou ao lazer. A pixação está inserida no dia-a-dia de todo cidadão de Brasília. Não há um muro, uma cidade, onde o pixo não chegue. Eu pensava sobre o pixo e agora, com a pesquisa teórica e epistemológica, observo a inferência que vem acontecendo na cidade e no olhar das pessoas.

Para este debate, o contexto dos pixadores se torna extremamente importante para entender a mensagem do pixo. O problema da pesquisa é a mensagem que é transmitida, e entender o contexto é essencial para saber o que eles querem comunicar.

Segundo os autores Watzlawick, P.; Beavin-Bavelas, J. e Jackson, D (1973, p. 18), “Um fenômeno permanece inexplicável enquanto o âmbito de observação não for suficientemente amplo para incluir o contexto em que o fenômeno ocorre”, ou seja, é preciso pesquisar e entender o pixo a partir de recortes.

Para compreender o pixo e o graffiti é preciso ter em mente de que “O veículo dessas manifestações é a comunicação” (Watzlawick, P.; Beavin-Bavelas, J. e Jackson, D 1973, p. 18), veículo independente de conceitos e preconceitos criados a partir de uma sociedade que pouco se preocupa em entender as manifestações artísticas e urbanas.

Para enfim dar início ao debate sobre a pixação e o graffiti vândalo, seguem elementos que permitem compreender melhor os conceitos desenvolvidos ao longo das entrevistas e pesquisas teóricas, com os títulos “respeito entre pixadores e grafiteiros” e “apropriação da cidade”

2.1. Respeito entre pixadores e grafiteiros

Pixador geralmente respeita graffiti, mas sempre tem uns que atropela graffiti e tem grafiteiro que atropela pixo. E às vezes acaba criando uma guerra, criando atrito por causa disso. Tem que ter respeito acima de tudo. Muitos grafiteiros que começaram a grafitar, alguns deles já saíram da pixação, então basicamente ele sabe como é a vida de um pixador, então muitas vezes ele respeita. - Anônimo 2

Segundo vários dos entrevistados, o graffiti e o pixo andam de mãos dadas, ou seja, um não existe sem o outro. Mas será mesmo? Quem defende a ideia diz que onde há graffiti há pixo, onde há pixo há graffiti, os muros não são espaços de disputa, são espaços de partilha. Nas ruas, muitas das vezes, a ética comanda a escolha de locais para grafitar ou pixar, um não passa por cima do outro porque ambos se respeitam. O graffiti, sendo mais fácil de ser feito na legalidade, se torna o refúgio para pixadores mais velhos que não querem sair das ruas, pois grafitar se torna mais seguro.

O pixo e o Graffiti andam de mãos dadas. Para uma pessoa ser um grafiteiro, ela tem que ter sido vândalo, para mim eu considero o pixo como vândalo, a partir do momento que ele passa a ser liberado, ele deixa de ser pixo, então é uma forma de você se expressar. E o graffiti, a raiz dele vem da pixação, todos os grafiteiros hoje, atualmente, uma boa maioria, veio do pixo. Aqueles que não vieram do pixo não é considerado como um grafiteiro, isso no meu ponto de vista. - Raley

Já aqueles que não acreditam nessa ideia dizem que o respeito não existe em todos os ambientes. Em algumas brigas pessoais existe o “anarquizar”, palavra usada para identificar quando algum outro pixador ou grafiteiro passa por cima do nome do outro. Geralmente isto acarreta em brigas e por vezes, mortes.

É comum ver ex-pixadores que passaram a grafitar. Mas qual o porquê disto? O graffiti tem menor visibilidade perante a polícia e algumas vezes é possível pintar comercialmente, ou seja, quando alguma pessoa autoriza e paga pelo graffiti. Muitas vezes, o graffiti é bem quisto e bem visto pela sociedade, quando está na forma de graffiti colorido, autorizado e que não passe nenhuma mensagem de crítica a algo. Com isso, podemos perceber porque a população tolera o graffiti e não tolera o pixo. O pixo é sim protesto, ele incomoda e mostra o que a população não quer ver.

Todo grafiteiro começa fazendo no vândalo. Tem muita penalidade e pra quem tá mais velho e quer continuar a fazer, prefere fazer com autorização, ganhar uma grana, tornar aquilo sua profissão. - Anônimo, Taguatinga, DF.

Fotografia 2 - Bomb em Taguatinga



Fonte: Autora, 2018

Grafitar se tornou um ato da arte pela arte. Pelo centro de Brasília é comum ver inúmeros graffitis coloridos estampando casas e comércios. Apesar do graffiti ser uma arte com maior custo para o seu autor, muitos artistas de rua optam por essa vertente. Por outro lado, os pixadores criticam quem opta por essa vertente, pois se distancia da ideia original (aqui falamos do graffiti colorido). Além disso, alegam que este tipo de graffiti não dá a adrenalina nem o sentimento de ir contra o sistema, que é uma arte domesticada.

A arte domesticada busca ser aceita e agradar quem vê. Tudo o que se domestica passa a ter um dono. O graffiti busca ter aprovação, já o pixo quer escandalizar, surpreender e acima de tudo, não quer ter um dono. E é isso o que os pixadores que não concordam com o graffiti autorizado pensam.

Alguns manos não acham isso legal porque difere da ideia original. O vandalismo é mais livre, mesmo tendo comprometimento com a rua. Tem o lado do ego e o lado do protesto, falam que o lado do ego é sujo porque você se deixa levar, continua marcando em todos os lugares, quer mandar na cidade inteira sem barreira nenhuma, em contrapartida do protesto, que não precisa ser uma frase de protesto. - Anônimo 1

Outra reflexão que podemos ter é sobre o nome do *Projeto Picasso Não Pichava*. O nome reflete uma elitização da arte, de quem pode ou não fazer arte (ou pixo). Penso que há uma domesticação do nome do Picasso, pois para a pessoa criadora do projeto, arte e pixação não se misturam e Picasso não seria capaz de fazer tal ato. É como se a pixação não pudesse alcançar o artista.

A arte marginal (graffiti vandal ou pixação) é facilmente diferenciada do graffiti comercial e este carrega outro tipo de preocupação. A repressão é forte e não vem apenas do Estado e da polícia, ela vem também da população. Quem pixa, em sua maioria, é o jovem negro e favelado - o que caracteriza o terror da burguesia. É pintado em propagandas anti-pichação como a pessoa de pele parda ou preta, se veste com roupas largas e têm aspecto sujo. Essa imagem é construída na população que facilmente se sente com medo de qualquer jovem nessas características que muitas vezes não apresenta um perigo real. Ele está apenas ocupando um lugar majoritariamente burguês.

A repressão à pixação é outra parada, ela é reprimida por que é arte Marginal, periférica. Tem uma galera que tem um pouco mais condição que faz, tem. Mas o grosso mesmo do movimento é tudo nas quebradas, e aí é

como tudo que vem da quebrada, tudo que vem da quebrada é diferente -
Jão

Geralmente o cara que é um pixador, ele não não tem uma condição social muito boa, às vezes ele não tem nenhuma propriedade privada, às vezes apenas um celular, então só dele pixar um muro já é uma forma de protesto se você ver por esse lado, porque na verdade ele está protestando esse muro... - Kalor

2.2. Apropriação da cidade

O espaço pode ser a cidade, a rua, o bairro, o muro, o portão do comércio, a fachada do shopping ou da casa, ou seja, o espaço é a base, a tela em branco para que o pixador ou grafiteiro faça sua inscrição.

O ódio que gera o pixo é o protesto real, 'nego' se importa com a parede branca, mas ao lado da parede branca tem uma 'pá' de gente usando crack. Pixo é tipo o morador de rua, é a parada que ninguém quer ver, ninguém quer saber... querem acabar com o pixo pra não existir mais, mas existe, tá ligado? [...] é olhar onde se está e isso refletir no seu pixo. O pixo é do ego, mas tem aquele sentimento de que nada vai mudar, não se sentir integrado à ferramenta de mudança. O jovem de periferia tem que correr 50 passos pra chegar onde os mano que tem uma condição estão, até porque, culturalmente, a quebrada tem pouca coisa. - Anônimo

mas a pixação é para o jovem, para a juventude, uma das únicas formas que se tem de demonstrar que se tem algo errado, se você for analisar, a pixação pode e deve ser encarada como um sintoma. [...] O que a população, as pessoas comuns deveriam, poderiam ter como consciência é que por trás de toda aquela sujeira e todo aquele rabisco, existem jovens que precisam ser vistos, que precisam ser ajudados. - Bonos

Se o pixo tá ali na parede é porque tem alguma coisa errada. Se você parar para perceber, nos lugares que mais tem pixação são os lugares que mais tem conflitos Ou desigualdade social e isso é uma arte dos excluídos, já vem desde muito tempo, você bota na cara da sociedade que você existe,

que você está ali, isso é uma forma de arte, além de artística, uma forma de resistência. - Moon

O sintoma falado pelos pixadores é este que reflete a sujeira da cidade, mas também reflete uma falta de importância para as crianças da periferia. Não existe uma preocupação social para que o jovem não vá a ir por vias ilegais. Os próprios pixadores sabem que são resultado de uma negligência governamental. Por muitas vezes eles dizem não se arrepender e gostar do local onde estão inseridos como pixadores, mas que o sentimento de não fazer parte da máquina de mudança é patente.

A urbe é o espaço que faz com que o pixador enxergue uma saída, uma maneira de refletir seu entendimento sobre as coisas. O pixo faz uma leitura do urbano, ele reflete o que a cidade mostra. Seja na necessidade do pixador em tornar aquilo sua profissão ou continuar com o movimento vandal. As decisões modificam a mensagem que o pixador envia a cidade. Um exemplo a ser citado é 'A curiosa fronteira do Vermelho', do grafiteiro Mobstr⁷.

Fotografia 3 - Parede vermelha com a frase "Bom, isso é uma forma de terminar isto. Obrigada, foi divertido"



Fonte: Anônimo

⁷ Noticiado em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/serie-de-fotos-mostra-guerra-epica-entre-grafiteiro-e-equipe-de-limpeza.html>

Em seu site, Mobstr diz: “Não sou um tipógrafo, nem um artista. Sou um simples cara que pensa demais. Eu sou um antagonista. Eu questiono tudo. Eu desmonto tudo o que está ao meu redor. [...]”. A pixação, com suas variadas leituras e contextos, surge neste exemplo do Mobstr como um ato simples, mas que pode despertar indagações em quem lê. É uma ação contra a limpeza da cidade? Uma atitude de protesto contra as pixações? Quem sabe o autor nem tinha o objetivo de questionar algum sistema, mas por fazer, o rabisco tomou seu próprio palco e quem decide o que isso significa é o leitor. Cada um pode ter uma leitura diferente da outra e pode ser que nunca saibam a intenção do pixador.

Segundo as autoras Sylvia Cavalcante e Terezinha Façanha (2011, pg. 66), a apropriação do espaço urbano se dá através de um processo psicossocial que é o de reconhecer o lugar como “seu”. Veja, quando o indivíduo é moldado e adaptado às necessidades de orientar e preservar sua identidade é quando se transforma em apropriação da cidade. O sujeito exerce o domínio sobre um espaço e/ou objetos que considera seu.

No caso do pixador, ele encontra nesse espaço a sua individualidade e faz a reapropriação do lugar. Pol (1996) apud. Sylvia Cavalcante e Terezinha Façanha (2011, p. 65) diz que os dois elementos estruturais do processo de apropriação são a apropriação por ação e transformação e a apropriação por identificação simbólica. Ele continua dizendo que a apropriação por identificação compreende os processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transformam o espaço em um lugar reconhecível e pleno de significados para o sujeito ou grupo social.

Por fim, as duas autoras concluem que apropriar significa apego ao lugar/vínculo/identidade de lugar. Importante lembrar do pensamento de Chambart de Lauwe (1976) apud. Sylvia Cavalcante e Terezinha Façanha (2011, p. 67), que diz que a apropriação exige uma confirmação contínua de reapropriação, pois ao abandonar suas conquistas, o sujeito corre o risco de sofrer desapropriação. Por isso o movimento da pixação não pode e nem vai parar, pixação é o ato de transgredir, modificar e ressignificar um espaço ou ideia de espaço.

Uma das palavras usadas no trabalho é “urbe”, este é um sinônimo para cidade - aquela parte da sociedade em que está o nosso direito de ir e vir. É o

caminho para o trabalho, é o caminho para o lazer e também é a tela para as artes debatidas neste trabalho, a urbe significa o que nós somos. Nela é expressa nossas insatisfações e nossas comemorações. É nela que está cravada a história, seja em Brasília, São Paulo, Belo Horizonte ou em qualquer outro lugar, esse é o espaço de partilha.

A cidade está se aproximando cada vez mais do conceito de higienizada, seja no sentido da arte ou das pessoas que transitam. A cidade se torna cada vez mais limpa, menos acolhedora, mais higienista. Na urbe tem acontecido um apagamento da memória, um distanciamento da história, das marcas que foram sendo criadas com o tempo e com a disposição das pessoas. A urbe, para esta pesquisa, é a galeria do pixo. É onde está marcada a história dos ex-pixadores e dos novatos.

Tudo vai em relação a respeito. Eu posso te dar exemplos de bons pixadores, pessoas que tem muita quantidade e não adquirem respeito... então a história vai apagar eles, porque tem pixadores que pixaram dois anos e são lembrados por 20 anos, então estão na memória da pixação, do grupo, daquele meio. Não adianta muito você ser um alguém que tem quantidade e não tem respeito. Para ter esse respeito no meio, você tem que passar por esse tipo de coisa, tem que ser de uma gangue, você tem que ter uma conduta boa, você tem que ter letras boas, você tem que ter noção do que faz, você tem que ter - Bonos

Um fenômeno observado entre os pixadores durante a entrevista é a “ética” de não se pixar moradias particulares. O que foi percebido é que no início muitos pixavam pelo próprio prazer de pixar, não importando o local, o que importa de fato é o ato. Mas muitos, quando atingem uma certa maturidade quanto ao pixo, pararam de pixar esses locais.

Acredito eu que quando se ganha consciência do que tá fazendo... a grande maioria, 94% desses jovens param quando atingem 18 anos, e ele tem pouca bagagem para entender, para pensar no próximo, para pensar no

prejuízo que é você pixar um portão ou a casa de alguém, eles não sabem, eles não sabem... - Bonos

3. A comunicação surpreende

Segundo Watzlawick, P.; Beavin-Bavelas, J. e Jackson, D (1973), é impossível não comunicar, todo ato é comunicacional e carrega consigo informações. As informações são as relações entre o comunicador e o receptor da informação. Se tratando da arte urbana, as informações passadas pelo comunicador são de pouca relevância para o receptor, onde este lê a mensagem e entende dela o que quiser. Além da questão de entendimento do significado das letras, onde a leitura clara não é o principal objetivo do pixo, pois é um ato introspectivo, onde a maioria das transcrições na urbe são feitas para serem lidas pelos próprios pixadores.

Pixar (ou grafitar) é o ato de comunicar através do inesperado, da surpresa, um dos elementos de provocação do pixo. O trabalhador comum que transita pela cidade e vê uma pixação não espera que essa grafia vá comunicar com ele ou com seu dia-a-dia. A verdade é que o que a urbe nos apresenta afeta diretamente nossos dias.

Fotografia 4 - Pixação em entrada de prédio no Riacho Fundo 1



Fonte: Autora, 2018

O pixo se torna o sujeito da própria comunicação, é vivo. Independente da intenção do autor, ele comunica de uma forma diferente para cada leitor. Não se trata do pixo ser ilegal ou legal, trata-se de um movimento, uma tendência que ultrapassa os muros geográficos.

O que você diria se eu te perguntasse o que o pixo comunica? Provavelmente você não saberia responder porque nunca parou para pensar nisso. A pixação está tão inclusa no nosso cotidiano visual que já não nos questionamos mais sobre o seu efeito, só nos colocamos a atacar e criticar. Para os pixadores entrevistados, o pixo comunica um tipo de protesto, comunica a estética, mas eles acham que essa comunicação é feita somente de pixador para pixador e que para o transeunte comum só passa a sensação de sujo e errado. O que eles não percebem é que isso também é uma comunicação.

3.1. Mídia off

O autor da mensagem usa seu corpo para correr, pular, fazer escalada ou rastejar até um *pico*, local de maior prestígio e visibilidade, para então fazer uso da

lata de *spray*, que é um mero adereço para o ato. Então ele rabisca, seja uma *tag* (nome), seu nome com letras estranhas, o nome da gangue, *crew*, grupo, ou uma mensagem de protesto, seja uma mensagem para alguém específico, um protesto generalizado ou um aviso.

Imagina o cara que sobe numa lateral do prédio, numa marquise... o cara tem que subir, tem que pensar na segurança, tem que pensar como vai fugir, porque ele vai ter que descer e ainda tem que pensar em como fazer a letra mais bonita possível. Então a questão da arte tá aí, que é a arte do vandalismo, você tem que saber fazer a coisa, não é qualquer um que faz que vai ficar bom. - João

Fotografia 5 - Pixação em banca de feira no Núcleo Bandeirante



Fonte: Autora, 2018

Segundo Russi (2001) nem todos têm voz e lugar nessa estrutura (mídia) e, portanto, buscam formas alternativas para a expressão. Ou seja, a pixação existe não só como ato de resistência para o jovem da periferia, mas também para expressar no espaço que é possível e de uma maneira de mais fácil acesso. Já parou para pensar no que essas letras pretas comunicam? É uma resistência? Resistência a quê?

O sistema os prende, os coloca em celas lotadas e não dão os devidos direitos de sobrevivência durante ou após. Essas realidades são expressas na rua de diversas formas, mas que aqui será tratada somente uma forma, que é a pixação.

3.2. O crime é relativo

A maioria das pessoas estão acostumadas a ver a pixação com os olhos de autoridades, aquele que detém o poder sobre algo ou alguém, taxando como crime ou que está tornando a cidade um lugar feio. Mas o graffiti vandal e o pixo são feitos para serem lidos por quem? O pixo é um sujeito com intenção de compreensão e como será compreendido não é uma questão a ser tratada pelo autor do ato.

Pela norma, a pixação é um ato ilegal, segundo o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998⁸.

O prefeito de São Paulo, João Doria, sancionou hoje (20) o Projeto de Lei (PL) 56/2005, aprovado pela Câmara Municipal na última terça-feira (14), que institui multa de até R\$ 10 mil para quem pichar imóveis públicos ou privados na cidade. Grafites sem autorização também estão vetados.⁹

Em julho de 2017, um jornal brasiliense, o Metrôpoles, fez uma matéria com o seguinte título “Só no papel: DF tem lei para multar pichadores, mas ninguém é punido”, e segue “Legislação em vigor desde janeiro estabelece sanção de até R\$ 10 mil para quem rabiscar patrimônio alheio, mas cidade permanece emporcalhada”. Estes trechos me permitem entender que a mídia influencia e transforma o olhar do cidadão para a cidade, negativamente, sem se preocupar em entender o X da questão. Além disso, dá a ele autoridade de renegar o ato sem antes se questionar.

⁸ Acesso: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9605.htm

⁹ Notícia publicada pela Agência Brasil no dia 20/02/2017:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/doria-sanciona-lei-antipichacao-e-proibe-grafite-nao-autorizado>

Imagem 6: Print retirado de notícia publicada pelo jornal Metrôpoles.

METRÓPOLES

MULTA

Quem for flagrado poderá ser multado em R\$ 5 mil. A pena fica ainda mais severa se o ato for praticado em monumento ou bem tombado – R\$ 10 mil

CADEIA

Infratores podem ficar de 3 meses a 1 ano detidos. Se o alvo for contra “coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico”, a pena sobe — podendo variar 6 meses a 1 ano

GRAFITE E PICHACÃO SÃO COISAS DISTINTAS

O grafite é uma obra pensada, exibida por meio de desenhos elaborados. É também uma forma de manifestação artística, onde o autor normalmente tenta transmitir algum tipo de reflexão social. Já a pichação é uma ato de vandalismo, cujo único objetivo é deturpar o patrimônio alheio.

Fonte: Metrôpoles¹⁰

Com base em leituras e nas entrevistas, foi possível perceber que os jovens começam a pixar por volta dos seus 10 anos de idade, aproximadamente. Apesar disso, a questão é: Uma criança de 10 anos de idade deve responder a esses crimes? Crimes estes que, aliás, na visão dos entrevistados são crimes banais. Podemos também começar um debate de raça, onde crianças negras e de periferia são vistas de maneiras diferentes de crianças da zona urbana. Tanto por policiais quanto pela sociedade. Em geral, uma criança, negra, pixadora é vista como vândala em qualquer espaço em que ela for se inserir. Agora fica a provocação: se é arte, porque deve ser proibida? Se é um jovem com boa intenção, porque deve ser criminalizado?

Eu com 6, 7 anos já achava aquilo ali do meu cotidiano - Bonos

comecei em 98, tinha 11 anos de idade - Jão

quando tinha uns 9 anos - Golk

¹⁰ Link notícia: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/so-no-papel-df-tem-lei-para-multar-pichadores-mas-ninguem-e-punido>

Comecei a pixar na faixa de 12 anos - Kalor

Eu era bem novinha, uns 14 anos - Sapeka

Comecei no ensino médio, tinha 15 para 16 anos - Moon

A intenção do pixador não está em prejudicar ninguém. O que ele quer é se expressar, mostrar que está vivo, transgredir, ter fama, sentir adrenalina, se sentir vivo. Eles sabem que o ato é um crime, mas não o fazem com intenções criminosas.

Se for parar para analisar o porquê da pixação, a ideia não é prejudicar ninguém [...] a gente nunca faz com o intuito de prejudicar o morador [...] eu não estou tirando nada, eu tô só acrescentando tinta, eu costumo dizer que eu sei do erro que é isso, mas eu não faço com o intuito de prejudicar a pessoa, porque meu intuito é uma outra coisa, é atingir um outro público, é uma outra mensagem. - Bonos

4. Estilos de arte urbana

A arte urbana não pode ser encaixada em um conceito pensado ou escrito. Ela é expressada e vivida por milhares de jovens que tentam se mostrar, e até mesmo ganhar um dinheiro em cima daquilo que sabe fazer. A arte urbana é um emaranhado de ideias e atos.

Fotografia 7 - Street art na parede do Centro Cultural Renato Russo em Brasília



Fonte: Autora, 2018

4.1. Pixação

Pixar é o ato de rabiscar alguma superfície livre, seja um muro abandonado, uma grade de comércio, uma casa, um shopping ou até um monumento público, não tem limites. A pixação é um ato simples que envolve uma complexa de noção de cidade e pode ser vista de várias formas pela mesma. Ela pode ser feita com um canetão comprado ou improvisado, uma lata de spray ou tinta e rolinho - seja ela com a letra embolada, quase indecifrável, pode ser com a tag, apenas o nome feito

geralmente com canetão, com a letra mais quadrada, feita com rolinho, ou até o pixo político que geralmente é com uma mensagem em letras decifráveis.

Quem pixa mesmo, quem faz vandalismo, seja *bomb* ou pixação, uma dessas duas vertentes que são as mais fortes assim, *nequin* só faz porque tem revolta. Quem não tem revolta faz artisticamente. Quem acha que tá tudo bonito e tal... E é foda que essa galera que pinta artisticamente, descredibiliza a galera que tá no corre da rua que foi quem deu origem a tudo. - Jão

Fotografia 8 - Pixações com cunho político na parede na Biblioteca Central da Universidade de Brasília



Fonte: Autora, 2018

Fotografia 9 - Pixações da parede de igreja no Centro de Taguatinga



Fonte: Autora, 2018

4.2. Graffiti (ou street art)

Grafitar em Brasília se tornou um grande hobby. Pelas ruas da Via W3 principalmente (mas não só) é possível ver inúmeros desenhos feitos com autorização, em casas, em faculdades, em lojas. Para muitos moradores e comerciantes, o graffiti é uma forma de se manter distante das pixações, pois existe um “respeito” entre pixadores e grafiteiros.

O pixo é como se fosse a assinatura do artista e o graffiti o desenho do artista, Picasso desenhava os quadros dele tudo com a face virada na frontal, ele fazia a arte dele, mas no fim ele assinava lá “Picasso”, como uma tag do artista. - Fade

Fotografia 10 - Graffiti na parede do Centro Cultural Renato Russo em Brasília



Fonte: Autora, 2018

Fotografia 11 - Graffiti na parede do Centro Cultural Renato Russo em Brasília



Fonte: Autora, 2018

4.3. Graffiti Vandal (Bomb)

O grafitar no vandalismo se assemelha muito ao pixo, pois é um graffiti feito com pouca cor e sem autorização, enquadrado na lei anti-picho. No graffiti Bomb são feitos traços com o vulgo do grafiteiro com letras mais arredondadas.

Fotografia 12 - Bomb no Riacho Fundo 1



Fonte: Autora, 2018

Fotografia 13 - Bomb em Taguatinga



Fonte: Autora, 2018

Fui procurando onde eu me encontrava nos estilos de graffiti e veio o bomb, que na verdade é o começo do começo do graffiti... são letras simples, redondas, na maioria das vezes assim perfeita, e é sempre o nome do grafiteiro, o vulgo da pessoa e o jeito que ela estiliza, ela coloca a personalidade dela no alfabeto que já existe, depois a gente vai fazer letra própria. - Anônimo 1

4.4. Grapixo

O grapixo é uma nova categoria que se assemelha ao graffiti, mas ainda é uma pixação. É feito geralmente com rolinho. É colorido e com as letras quadradas.

Fotografia 14 - Grapixo no EPNB, entrada Park Way



Fonte: Autora, 2018

Fotografia 15 - Grapixo no EPNB, entrada Park Way



Fonte: Autora, 2018

5. O DF e sua relação íntima com o Pixo

A comunicação do graffiti e do pixo com as pessoas que não conhecem o movimento é limitada, se não conhece, será de difícil leitura, mesmo que as letras

sejam “limpas”. Alexandre Barbosa Pereira (2012, pág. 10), trabalha o sentido do “quem não é visto não é lembrado”, argumento usado por muitos artistas grafiteiros e pixadores sobre a motivação da sua ação. Podemos nos indagar sobre o estranhamento que a pixação causa ao transeunte. Por que outras formas artísticas como o graffiti são bem aceitas e a pixação é rejeitada?

Basicamente a gente faz isso pra ser lembrado, justamente isso, porque existe uma frase que fala "Quem não é visto não é lembrado", essa frase é basicamente pra nós, fazemos isso pra que nossa passagem aqui nesse mundo não passe em branco. - Anônimo 2

Alexandre Barbosa Pereira (2010, p. 146) nos diz que “se olhar para a cidade nos faz entender um pouco mais os pixadores, olhar para os pixadores também nos ajuda a compreender um pouco mais a cidade”. Harry Pross (2010) diz que “O corpo é a peça essencial no processo de comunicação”. Sendo assim, com essas duas abordagens se torna mais fácil entender a proposta de comunicação lançada pela pixação - e o graffiti.

É uma lousa isso, porque o muro se um dia ele foi pintado e ele tá limpo, é branco, é azul, é amarelo, é qualquer outra coisa, ou a porta de aço que um dia vai enferrujar ou alguém vai sem querer passar o pé nela, ou a chuva vai derrubar uma árvore e vai sujar, ou alguém vai passar na rua e vai jogar uma poça de lama nele, ou próprio desgaste natural vai desbotar a tinta... então um risco numa parede branca é um dano quase que banal, o proprietário não vai perder nada na propriedade dele, vai ser um detalhe no muro apenas, se era um muro todo branco, vai ficar um muro branco com preto, se era um muro colorido vai ficar com mais uma cor, que é uma coisa que mais cedo ou mais tarde ele ia ter que pintar, por que é um muro branco onde ele vai ficar sujo de novo... - Kalor

Alexandre Barbosa Pereira (2012, p. 8) coloca em seu texto da seguinte forma, “pode-se apreender a pixação como um modo de representar o espaço urbano [...] de construir uma memória coletiva”. Aqui é possível aplicar a frase ao contexto do Distrito Federal (que é onde a pesquisa se encontra), uma vez que a maioria dos pixadores participam de gangues, fomentando assim a criminalidade na cidade e a guerra de ego. Por outro lado, também se encontram os grafiteiros do estilo “bombs” - técnica de graffiti mais “sujo”, mais voltado para o mesmo conceito de pixação.

A mensagem que eu passo é deprecação mesmo, velho, sinceramente, fora do movimento eu vejo muito mais gente que desaprova do que aprova. Eu, particularmente, não espero a aprovação de ninguém não. Eu gosto principalmente quando fica puto, quando aparece um jornal... Porque aí você atingiu o objetivo, cutucou a ferida dos cara. É publicidade grátis! - Jão

Diante disso é possível dar um passo atrás e lembrar do que o autor Urpi Uriarte (2013) explica - como o pesquisador deve mudar seu olhar, a forma como processa o visual dos espaços urbanos para compreendê-los de forma não passiva. Como conclui Alexandre Barbosa (2012, p. 8), percorrer a cidade sob a perspectiva da pixação é estar atento à paisagem, observar muros, edifícios, monumentos para assim ressignificar a própria compreensão do que é comunicação e o que pode comunicar e de que forma.

É preciso mudar a forma de se enxergar a urbe e saber ler o que cada imagem e escrita quer nos dizer, saber que isto é o que a cidade quer nos falar. A compreensão de mundo, de cidade, saber onde se está andando - tudo isso faz parte de um carácter que queremos construir enquanto cidadãos plenos e acordados para o que se vive.

Fotografia 16 - Pixação em prédio no Plano Piloto



Fonte: Autora, 2018

6. Não é o fim

Ao finalizar esta pesquisa - que não começou em forma de TCC, mas sim como Iniciação Científica na UnB - eu pude tirar inúmeras conclusões. Não só sobre o tema, mas também sobre a profissão e sobre o significado de resistência.

A passagem pela academia na graduação parece muito veloz. É um tempo que, muitas vezes, não é aproveitado no seu máximo. Seja por falta de ânimo, vontade dos alunos ou pela falta de esforço do educador. Nesses cinco anos de Universidade de Brasília, me encontrei e me perdi de várias formas. Participei de Empresa Júnior, palestras, eventos, iniciação científica e vários estágios, mas ainda faltou intercâmbio, trabalho voluntário, congressos e muito mais. É um universo

gigante e a gente não tem tempo suficiente para fazer tudo isso. Mas o que mais marcou minha passagem pela Universidade e que agora também marca meu Trabalho de Conclusão de Curso, foi a militância. Foi na UnB, com colegas e professores, que aprendi sobre o feminismo, racismo e tudo o que envolve direitos humanos, equidade e por aí vai.

O que ficou para mim é a vontade de ver a educação crescer, mais pessoas poderem ver e viver este espaço e viver uma democracia com tudo o que se tem direito. Tudo isso refletiu na minha pesquisa. A vontade de ouvir um grito através da mordança, a vontade de ver, sentir e viver a rua, o que ela representa. A comunicação me ensinou que eu sou mais que uma jornalista, eu sou uma comunicóloga. Eu sou responsável por outras pessoas e caminhos, da política a publicidade.

Indo um pouco mais além, não adianta nos tirar a democracia, matar nossos líderes, prender nossos representantes, impugnar quem nos representa. Não nos calaremos. Ao longo deste trabalho ocorreram as eleições de 2018, com a vitória do candidato Jair Bolsonaro (PSL) sobre o Fernando Haddad (PT) no 2º turno. Estamos em um momento péssimo para nos formar, péssimo para pesquisar e construir um TCC, enfim, péssimo para se viver. Pelos corredores da Universidade é possível ver, além da luta e resistência, olhares temerosos e bucólicos. Sabemos que devemos resistir e lutar, mas o coração está pesado, a cabeça dói. Ninguém está bem.

Enfim, pesquisar a pixação é entender uma das formas de resistência que a rua tem, é compreender apropriação de espaço, respeito, guerra, resistência, enfim. Além disso, é aprender a se viver com a diversidade de coisas que a rua tem a nos oferecer, a mudar nosso olhar e compreender antes de julgar. Pesquisar transforma a educação. Ao longo deste trabalho eu pude tirar conclusões sobre vários temas que envolvem a pixação, mas sei que nada disso é fixo. É uma arte volúvel, que muda de acordo com que a sociedade muda. Eu aprendi a mudar meu olhar, mudar a forma que eu enxergo a parede e quem a rabisca.

Quem é esse sujeito que se coloca em risco para pixar a parede, que se expõe diante a violência da polícia? Conversando com eles pude perceber a indignação deles. Conheci a periferia através dos seus moradores. Eles querem ser vistos e não é a lei que vai fazer com que eles sejam apagados. É uma lógica

complicada de se compreender, mas eles não ligam para o que o Estado pensa. É preciso entender a lógica, desacostumar o olhar, se questionar e se afeiçoar.

7. Bibliografia

BASTIANELLO, Tainara Andressa Becker. Grafismos urbanos: mensagens políticas em grafites e pichações na região central de Porto Alegre (2013-2014). 2015.

BASTIANELLO, Tainara Andressa Becker. Pichação e política nas manifestações sociais: o que nos mostram as matérias jornalísticas? Graffiti and politics in social events: What fidonews stories show us?. II COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS, 2013.

CAVALCANTE, Sylvia; ELIAS, Terezinha Façanha. Apropriação. In: Temas básicos em psicologia ambiental, p. 63-69, 2011.

CAVALCANTE, Sylvia; ELIAS, Terezinha Façanha. Apropriação. Temas básicos em psicologia ambiental, p. 63-69, 2011.

DE TOLEDO CEARÁ, Alex; DALGALARRONDO, Paulo. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. Psicologia USP, v. 19, n. 3, p. 277-293, 2008.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge. (org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, v. 1, 1ª ed., p. 62-83, 2005.

PEREIRA, Alexandre Barbosa et al. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 79, p. 143-162, 2010.

PEREIRA, Alexandre Barbosa et al. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 79, p. 143-162, 2010.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pixação. In: Cadernos de Arte e Antropologia, v. 1, n. 2, p. 55-69, 2012.

PROSS, H. Medienforschung: Film, Funk, Presse, Fernsehen. Habel, 1972.

RUSSI, P. Paredes que falam... As pichações como comunicações alternativas. São Leopoldo–Brasil: Unisinos, 2001.

URIARTE, Urpi Montoya. Olhar a Cidade. Contribuições para a Etnografia dos Espaços Urbanos. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 13, 2013.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIM, Janet Helmick; JACKSON, Don D. Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. In: Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. 1973.

8. Apêndice

Bonos - Valparaíso, entrevista realizada na W3 Sul

K: Como você começou a pixar, ou grafitar?

B: Graffiti eu sei fazer, já tentei, mas não é algo que eu gosto, não é algo que eu quero para mim, eu não sinto paixão pelo graffiti igual sinto pela pixação. Eu comecei a pixar muito cedo. Meu irmão mais velho era pixador assumido e o meu outro irmão, mais velho ainda, depois de muitos anos eu vim saber que ele também fazia, porque era muito comum na época. Eu com 6, 7 anos eu já achava aquilo ali do meu cotidiano, era o que meus irmãos faziam e eu aprendi a fazer... eu costumo dizer para as pessoas que eu aprendi a escrever no mesmo tempo em que eu aprendi a gostar de pixação, tem muita gente que acha engraçado, que acha exagero, mas é fato...

K: Onde você morava? Você costumava pixar só lá?

B: Eu sempre morei em Valparaíso, moro lá ainda. Você é criança, tem 12 anos. A pixação é de fato feita do período entre 12 anos e 17 anos, esse é o período normal da vida útil de um pixador. Então quando você começa, no princípio, você fica ali no seu bairro, você fica ali dentro das suas limitações, o máximo que a gente tinha era uma bicicleta, a gente não tinha condição de ir para muito longe, então a princípio sim, acho que dos 12 até os 16 anos foi basicamente tudo muito ali, no máximo cidadezinha próxima que a gente ia de bike.

K: Você fazia parte de alguma gangue?

B: Brasília não vive sem uma sigla, sem uma gangue, é cultural. Qualquer um, qualquer cidadão que tentar entrar em Brasília e ele começa a colocar só o nome dele na parede, ele não ganha força, o nome dele não se expande, ele não ganha respeito, ele não consegue uma identificação com o público, ele não consegue nada, e eu nunca vi ninguém que tenha se tornado alguém só com o nome. A sigla é vital para o pixador, ela é algo que você nasce em uma, ou pelo bairro ou por sua escolha. A gente chama isso de gangue, em Brasília é cultural... A gente não pode,

não deve importar nomes, importar a forma como os outros se chamam, eles lá em São Paulo ou onde quer que seja, são *crews*, são grupos, são o que quiser, mas em Brasília nós somos de gangue.

K: Você falou de identificação com o grupo, como é isso?

B: Se for parar para analisar o porquê da pixação, a ideia não é prejudicar ninguém, eu posso florir e dar “n” justificativas para pixação, mas a pixação é e sobrevive para que as pessoas *dalí*, daquele meio, daquele círculo se reconheçam e ganhem sua notoriedade, se tornem famosas, nada mais é do que isso. Eu pixo para que quem curte a pixação, para aquele grupo de pixadores e de pessoas que entendem, de pessoas que admiram ou de pessoas que se revoltam, comece a entender quem eu sou, que minha marca está sendo muito vista. Então é isso, tudo vai em relação a respeito. Eu posso te dar exemplos de bons pixadores, pessoas que tem muita quantidade e não adquirem respeito... então a história vai apagar eles, porque tem pixadores que pixaram dois anos e são lembrados por 20 anos, então estão na memória da pixação, do grupo, daquele meio. Então tem muito disso, não adianta muito você ser um alguém que tem quantidade e não tem respeito. Para ter esse respeito no meio, você tem que passar por esse tipo de coisa, tem que ser de uma gangue, você tem que ter uma conduta boa, você tem que ter letras boas, você tem que ter noção do que faz, você tem que ter.

K: Você acha que está se comunicando? Com quem?

B: A gente tem o nosso grupo! A juventude Brasiliense... Pode parecer exagero da minha parte, eu não vou falar desses últimos anos agora, nos últimos cinco anos... mas há dez anos atrás, de 100 jovens, 30 entendiam disso ou mais, até acredito eu que mais. Entendiam, pode até ser que não faziam, mas entendiam. Vamos tentar colocar em número o quanto essa informação de quem você é, do respeito que você tem que gira em torno de uma Capital Federal como essa aqui, dentro da quantidade de população que a gente tem de população jovem, então você para e pensa, se 30% da população jovem entende e conhece aquilo ali e você está entre aqueles ali que estão famosos, você ganha um respeito e sim, isso é um meio de comunicação, entre os jovens, entre quem gosta, quem assiste, quem compartilha, quem viveu isso... Inclusive quem foi prejudicado, como a dona de casa ou algo assim. Então

sim, se comunica sem dúvida, porque essas duas últimas gerações de adolescentes... vou ser bem sincero, de quem nasceu de 80 para cá, até 5 anos atrás ou mais, todo mundo em Brasília tinha consciência do que é pixação, quem nasceu em Brasília nesses últimos 25 anos sabe quais são as gangues da região, sabe quem pode andar em qual lugar, ele sabe qual bairro é de quem, então sabe quem é o famoso de tal lugar... é um meio de comunicação, era um círculo de comunicação e isso aí para os jovens se expande.

K: Você se acha o dono da rua?

B: Acredito eu que quando se ganha consciência do que tá fazendo... a grande maioria, 94% desses jovens param quando atingisse 18 anos, e ele tem pouca bagagem para entender, para pensar no próximo, para pensar no prejuízo que é você pixar um portão ou a casa de alguém, eles não sabem, eles não sabem... A gente costuma dizer que geralmente quem se torna problemático para a rua é quem passa dos 17 anos, esses sim dão trabalho, porque ele já está com conhecimento, ele já está com condição financeira, ele já está podendo atingir de forma mais eficaz à maiores alvos, digamos assim. Mas em relação a ter consciência de se achar dono da rua, não, porque a gente nunca faz com o intuito de prejudicar o morador. Eu costumo pensar da seguinte forma: o espaço, a parede, se ele pertence a alguém por dado momento é porque foi comprado, foi excedido, foi alguma coisa assim... é da pessoa, o muro é da pessoa e até então eu não estar tirando nada da pessoa... eu não estou tirando nada, eu tô só acrescentando tinta, eu costumo dizer que eu sei do erro que é isso, mas eu não faço com o intuito de prejudicar a pessoa, porque meu intuito é uma outra coisa, é atingir um outro público, é uma outra mensagem. O pixador no fundo no fundo ele sabe que ele é um transgressor, que ele tá quebrando regras, que ele sabe o preço que ele tem que pagar caso aquilo dali dê errado, ou caso descubram... a gente não tem essa prepotência de achar que é dono de nada, dono de rua.

K: Você acha que está protestando?

B: Eu penso sim, mas eu sou um pensamento Solitário, eu penso porque eu estudo isso, eu penso porque eu vivo isso, eu penso porque, como eu já falei, há muitos anos eu venho tentando entender a cabeça do pixador de quem comete esse ato, eu

vou te dar uma explicação que eu já dei em algumas entrevistas, e pode soar até um pouco batido talvez, mas é interessante... eu costumo dizer, ter uma análise em relação a pixação que é o seguinte: a pixação é o meio que a comunidade pobre ou carente ou necessitada, quero que fique claro que o pixador não é só o favelado, por que tem muita gente de condição que faz porque que gosta da pixação, mas a pixação é para o jovem, para a juventude, uma das únicas formas que se tem de demonstrar que se tem algo errado, se você for analisar, a pixação pode e deve ser encarada como um sintoma. Se lá no começo, se nas escolas públicas, ou na formação das crianças, se lá no começo tivessem educado, induzido ele a pensar que ele tem uma saída para ser notado... Por que vai muito nisso, chega muito nessa questão, eu conheço uma gama de pixadores que fazem isso para ser alguém, para ser visto, para ter notoriedade, porque ele sabe que se não for daquela forma ali, ele vai continuar sendo um Zé ninguém morador de um bairro que ninguém conhece, ninguém entende e muito provavelmente vai para um caminho ruim, ou não vai ter estudo, não vai ter nada, não vai ganhar essa notoriedade... toda criança sonha em ser alguém conhecido, ter um reconhecimento... não vou conseguir na bola, não vou conseguir na arte, não vou conseguir na música, muito por não ter apoio, por não ter colaboração de ninguém... então sim, é uma forma de protesto. Acredito eu que a partir do momento que a gente agrediu, que a gente sujou, que a gente danificou toda essa w3, que a gente pegou órgãos públicos, que a gente pegou monumentos, que a gente conseguiu ser visto, que a gente deu essa parcela de crítica, de Manifesto, foi que o governo do DF criou projetos, criou algumas ideias, deu algum incentivo, fez programa de graffiti, que se tivesse salvado a vida de um, de dois já ajuda, porque se não, não teria salvado a de ninguém. Conheço pessoas que foram para projetos e aprenderam a desenhar, aprenderam a grafitar e hoje vivem disso... já ajudou de alguma forma... eu não tô falando que a gente é salvador de pátria nenhuma não. A gente vem para sujar de fato, mas se for para olhar por esse lado de crítica, a gente tem uma parcela sim.

K: Pode me explicar a diferença entre pixar a grafitar? Porque um é aceito e o outro não.

B: Quando a gente entra nesse nessa análise, conceito de arte, ele vai de um para um, e assim, o que eu acho bonito, o que eu acho belo, não necessariamente você

tem a obrigação de achar bonito, achar belo. Então, quando as pessoas fazem uma crítica em relação a uma pixação, eles estão fazendo baseado naquilo que já vem na cabeça deles, eles já estão sendo influenciados a achar que ali é errado sem entender o porquê daquilo, ele não sabe qual mensagem, não sabe o que é, o que tá escrito, não sabe o que tá acontecendo ali, e muitas vezes eles costumam acreditar que o graffiti tem uma diferença em relação a pixação, só pelo fato de que aquilo ali, em algum momento foi aceito, em algum lugar, por alguma pessoa, ou seja, todo mundo é manipulado a aceitar a verdade de uma outra pessoa. Uma pessoa deu autorização para que fizesse na casa dele um graffiti, E aí “ah, isso aí é legalizado”, mas não é, a gente sabe que na rua não é, não é tão fácil assim, a pixação e o graffiti são sim irmãos... o que eu não gosto do graffiti é porque ele se rende, ele acaba indo para escala de arte que eu preciso de consentimento para que ela seja feita. Aí eu não tô transgredindo, eu não estou cumprindo meu papel que é o de escandalizar, que é o de manifestar, que é o de fato de agredir, que quando você agride você tem uma resposta, é aquela soma da reação que eu te disse, quando a gente pensa que a pixação é para esse intuito, que ela é para que alguém veja que tem algo errado acontecendo, que tem adolescentes de 12 a 17 anos saindo de casa com tinta na mão, para subir em muro para pixar, ele poderia sim ter sido educado, ter sido orientado para tá fazendo de uma outra forma... e o graffiti não, o graffiti é uma arte que tá querendo ir para um lado de que foi aceito... não vai ajudar tanto... a não ser que dê condição de fazer um graffiti, se você pega para analisar o custo que é fazer um graffiti, se você vê a quantidade de pessoas que param no meio do caminho porque não tem condição de fazer isso é absurdo... E aí cai no comodismo. Eu não tenho nada contra o graffiti, talvez até se eu tivesse um pouquinho mais de força de vontade eu até pegaria gosto em fazê-lo, mas não pretendo migrar, não assim, de um para o outro. Prefiro continuar no pixo porque eu me acho mais útil.

K: Você acha que o pixo deveria ser legalizado?

B: O pixo é para ser proibido, se alguém vir a falar que a pixação é para ser permitida, você vai perder totalmente o espírito da coisa. É essa a questão, você não pode o porquê da coisa, o transgredir não vai mais existir.

K: Você acha que o pixo é arte?

B: Eu não gosto de analisar o que é arte, porque a arte é sentimento, na minha opinião. O pixo é movimento, o pixo é agressão, então eu acho que a legalização disso é surreal... porque ninguém vai legalizar o ato de eu poder ir na sua residência e escrever nela, isso não tá em questão. Mas a descriminalização moral da sociedade de que se cada movimento daquele ali acontecer, se alguém pensasse o porquê dele, aí sim, mas aí seria uma mudança de pensamento da população, não de algo governamental, não de lei.

B: O que a população, as pessoas comuns deveriam, poderiam ter como consciência é que por trás de toda aquela sujeira e todo aquele rabisco, existem jovens que precisam ser vistos, que precisam ser ajudados e que ali não tá tão difícil de você fazer algo, de você colaborar, porque se tem um nome, se tem uma expressão de arte, se tem um dialeto, uma manifestação que tem por si só alfabetos, que se tem meios próprios de comunicação, é tão óbvio que aquilo ali utilizado da forma certa, você vai conseguir dar essa resposta de socorro que esses meninos (nem sabem) que estão pedindo. Se você for pegar uma pessoa que já gosta de letras, que já gosta de números, que já gosta de aventura, se você for pegar uma pessoa que já cria letras, que já cria frases, que já cria nomes, você trabalha ali e já tem meio caminho andado para conseguir bons artistas. Mas se a sociedade queria que fosse demonstrada de uma outra forma, ué... que que tá faltando para incentivar? porque é muito fácil apontar “é sujo, é feio, é vandalismo” E aí ninguém se propor a colaborar em nada. Tem gente como eu que não quer dar esse passo atrás ou à frente... eu não consigo ver outro caminho para que eu me considere vivo no meio que eu escolhi para minha vida, que é o meio de pixação, que é o meio das gangues, que é o meio das Artes, arte de rua... eu hoje não me vejo de uma outra forma, mas eu sou um cara de 30 anos com a cabeça um tanto quanto formada, mas agora uma criança de 13 anos ainda tem chance de ser mudado. A criança não tem a cabeça que eu tenho para entender que o que eu faço é por um motivo... Se você der pra criança uma segunda opção, um segundo meio dele se tornar alguém... explicar para ele “não vai por aqui porque por aqui você vai ter muito problema, você vai ter muito mais coisa contra o que você é do que a favor, do que você está

fazendo, então vai para um lado que vai ser mais fácil para você”, é certeza que 50%, 60%, 70% vai falar assim “é verdade, né. Eu tô correndo errado”.

B: Embora eu goste de quem eu sou, eu sofri bastante para ganhar esta maturidade... passei por coisas difíceis, complicadas... e se talvez eu tivesse optado por um outro caminho, hoje em dia eu poderia não ser esse homem que eu sou hoje, mas eu poderia ser um homem melhor... a gente não sabe. Então eu não incentivo, não incentivaria nada nesse sentido e não faço isso com criança alguma para não ter que passar pelo que eu passei para me tornar quem eu sou... eu vi muita gente se perder dentro e fora da pixação, não é só porque pixou, mas eu vi muita gente se perder por que fizeram escolhas ruins e se perderam em um dado momento da vida e acaba que confunde as coisas, então não eu não aconselharia e não aconselho. O número de pixação tá caindo muito em relação ao que era, não se compara, o número de pixadores está caindo absurdamente, a tendência é que esteja de fato acabando, alguns malucos como eu pode ser que fiquem, mas a gente já não pixa mais com a mesma vontade, com a mesma quantidade, com a mesma disposição que era.

Anônimo 1 - Entrevista realizada em Taguatinga

K: Como começou na pixação?

A1: Conheci em 2006 a cena do pixo, a pixação de Brasília que é muito diferente da de São Paulo. A pixação de São Paulo é muito mais focada no ego de cada um, e as galeras de lá se dividem diferente das daqui. Aqui cada um tem seu nome na galera, assino meu nome e o nome da galera. Lá em SP é o nome da galera e bem pequenininho meu nome, só alguma coisa que dê pra identificar que fui eu que fiz, só a sigla do nome. A referência que eu achei mesmo foi a da pixação, as letras desenhadas e aquilo me chamou atenção muito por fazer parte da minha vida sem eu querer. Você sempre vai encontrar a pixação, pelo menos se você morar em um bairro por aqui e ‘pá’. Conheci o pixo mesmo pela criminalidade. Mas não tinha coragem e então comecei pelos *stick* que é uma parada que ‘cê’ cola e se ‘nego’ ficar indignado ‘cê’ tira, tá ligado!? Então é uma parada mais faixa branca da arte de rua. Fiquei fazendo *stick* um ano e pouco, e depois, como era muito difícil fazer

stick... se você não faz *handmade*, você tem que pagar gráfica, tem que ter algum contato com gráfica... Comecei a fazer *tag*, só rabiscar *tag* pequenininha de canetão, muitas vezes feito a mão também. Fiz mais uns dois anos pra me acostumar a fazer na rua e surgiu o graffiti na minha vida. O graffiti dá pra dividir em dois, graffiti comercial e graffiti vândalo, da rua, ambos ficam na rua, mas o que difere os 'bixo' mesmo é a autorização e a não autorização do 'bagulho', e assim, a maioria das vezes que você faz autorizado as pessoas dão ideias do que fazer e você só desenvolve. O graffiti feito no vandalismo não, ele é mais cru, é mais você, é só aquela 'fita'. Me achando nessa fita de graffiti, rolava uma oficina ali no 14, na escola 14 de ensino fundamental, com o Scoob, que é um grafiteiro comercial aqui de taguatinga e de *wild style*. *Wild style* é aquelas letras mais elaboradas, com setas... aí já vai entrando no âmbito de estilos de graffiti... Fui procurando onde eu me encontrava nos estilos de graffiti e veio o bomb, que na verdade é o começo do começo do graffiti... são letras simples, redondas, na maioria das vezes assim perfeita, e é sempre o nome do grafiteiro, o vulgo da pessoa e o jeito que ela estiliza, ela coloca a personalidade dela no alfabeto que já existe, depois a gente vai fazer letra própria. Já achado o estilo que eu comecei a desenvolver, comecei a pegar referência do que está a minha volta, tanto do bairro de onde eu moro, quanto com as pessoas que eu convivo, essa 'fita' aí... assim que começou.

K: Quais foram suas influências?

A1: As influências da galera daqui é muito de bairrismo, você pega de referência a galera que ta no seu bairro, onde você anda. E todo mundo tem uma galera, uma *crew*, onde tem muito essa parada de respeito. Como é muito de ego também, todo mundo quer ser o melhor, e acaba que um quer ser melhor que o outro e aí surgiu o atropelo, um querer derrubar o outro, anarquizar um ao outro, no começo só passava um traço e escrevia o nome em cima. O graffiti é feito na rua e a gente se torna tanto artista quanto apreciador da parada, sempre tem grafiteiro novo, velho, todo mundo sempre muda de estilo ou cria parada nova... então muito da minha referencia veio aqui de taguatinga e da ceilândia, por ser mais próximo, e do plano, por ser a cena mais famosa, onde rolava os encontros, eventos... As pessoas da cena de Brasília são muito pé atrás pra fazer. Acho que falta iniciativa pra fazer sem ter medo do que vai cobrar.

K: Porque você pixa/grafita?

A1: Quem grafita é por amor, porque cê num ganha nada... na verdade você perde muita coisa. Fazer as coisas se tornarem mais acessíveis. tudo que der pra aproveitar nós aproveita. Como um amigo nosso diz 'Um dia os pixo vão decorar casa de bacana'. É pela paixão, se fosse só pelo ego a galera desistiria. Porque é uma parada que não retribui, você não recebe nada em troca daquilo... e isso te preenche de alguma forma.

A1: Todo grafiteiro começa fazendo no vândalo, mas tomar processo é difícil, assim como tem muita penalidade e pra quem tá mais velho e quer continuar prefere fazer com autorização, ganhar uma grana, tornar aquilo sua profissão. Alguns manos não acham isso legal porque difere da ideia original. O vandalismo é mais livre, mesmo tendo comprometimento com a rua. Tem o lado do ego e o lado do protesto, falam que o lado do ego é sujo porque você se deixa levar assim pelo seu nome, continua marcando em todos os lugares, quer mandar na cidade inteira sem barreira nenhuma, a lombra do ego também, em contrapartida do protesto é que não precisa ser uma frase de protesto, o ódio que gera o pixo é o protesto real, 'nego' se importa com a parede branca mas ao lado da parede branca tem uma 'pá' de gente usando crack. Pixo é tipo o morador de rua, é a parada que ninguém quer ver, ninguém quer saber... querem acabar com o pixo pra não existir mais, mas existe, tá ligado? O pixo é do ego, mas tem aquele sentimento de que nada vai mudar, não se sentir integrado a ferramenta de mudança. O jovem de periferia tem que correr 50 passos pra chegar onde os mano que tem uma condição estão, até porque culturalmente a quebrada tem pouca coisa.

K: Você se acha dono da rua?

A1: Tem dois focos do público e do privado. Há o prazer de fazer no público por que é um afronta... a gente ouve muito que 'ah, mas não é o deputado que limpa, é uma pessoa do gueto que limpa', mas não é pelo limpar é mais a denúncia de que aquele bagulho também é nosso e tá tudo uma bosta, quando cê tá afim de falar isso, seu graffiti também expressa muito na hora. E o privado também, porque tem o prazer de pegar o bagulho pra você. O pixo não tem essa função de ser o super herói da quebrada, é bem vilão na verdade. É trágico e cômico... rir da desgraça.

K: Acha que está se comunicando com alguém?

A1: Acho também que essa comunicação do graffiti e do pixo com as pessoas que não conhecem o movimento é bem limitado, se a pessoa não conhece vai ser difícil de ler, mesmo que as letras sejam até normais, por ser mais feita na lata...

Fade - Morador de Vicente Pires, entrevista realizada no Plano Piloto

F: Quando eu comecei a participar da história do pixo aqui no Distrito Federal... eu já vim numa terceira geração de pessoas que já tinham feito seus nomes... porque o pixo é uma forma de expressão assim, de você se socializar, na época, entre as cidades, por exemplo. Eu conhecia pessoas de outras cidades que na época que não tinha nem orkut, era uma forma da gente se socializar nas satélites e ir lá para o recanto, curtir com a galera de lá, beber e de lá já ia para as festas de lá.. foi a primeira vez que eu fui para Céu Azul e eu era molequinho, pegava um ônibus aqui, descia pro Gama ia lá para o hip hop pela paz no Gama... Então a gente visitava essas quebradas só através da consideração que a gente tinha pelas pessoas que moravam nessas cidades, então trazia uma sociabilidade legal pra gente que era de Taguatinga e que ficava só ali Samambaia, Taguatinga... aí começou a sair pras outras satélites, porque a gente do pixo queria ser visto nos locais. Sempre foi ter mais visibilidade, na época, o que a gente buscava era fama, ser conhecido, eu acho legal não só a parte de ser conhecido, mas eu fui uma das pessoas Defensores da cultura do traço, o tipo de traço, tipo de letra, a tipografia... defendia uma letra simétrica e cada letra tinha uma identidade. Podia até não saber o que tava escrito, mas você via pelos traços quem era quem... De longe você já via a característica e a atitude da pessoa de ter ido lá e feito aquele protesto, que na época era como se fosse um protesto.

K: Você acha que é um protesto?

F: Na época eu achava que tinha um protesto, porque vinha daquela cultura dos Punks, da anarquia, anarquizar... eu entendia como um protesto, mas com o tempo a gente vem amadurecendo, vem entendendo que aquilo ali, além de ser um ato ilícito, de vandalismo, crime... porque até então na época não tinha uma contravenção para o pixador, tinha para dano ao patrimônio público. A gente

entendia como uma anarquia, uma forma de expressar, a gente como adolescente, “ou, vamo fazer, vamos beber”, então isso trouxe para a gente a maturidade do que seria o pixo, mas através do pixo hoje eu conheço meus melhores colegas, a gente se encontra, faz um churrasco, uma cerveja, conheço a família... Foi uma forma de eu me integrar entre os meus, os da minha laia... quem gosta de traço, de tipografia, de arte... mas tem a parte do pixo que é vandalismo, que só quer sujar, que é rolinho, e aí já veio de São Paulo...

K: Pixo é arte?

F: O pixo é uma forma de arte, é uma tipografia... assim como uma simbologia, o pixo tem uma forma de tipografia urbana. Hoje em dia já tá saindo por aí. Blusas com letras de pixo. O pixo como forma de estampa, de fonte.

K: Qual a diferença entre pixo e graffiti?

F: O pixo é como se fosse a assinatura do artista e o graffiti o desenho do artista, Picasso desenhava os quadros dele tudo com a face virada na frontal, ele fazia a arte dele, mas no fim ele assinava lá “Picasso”, como uma tag do artista. O pixo vem só em uma cor, agora tá vindo o grapixo, como um graffiti nas letras do pixo, é massa, porque aí você dá cor... Tá vindo um monte de gente aí inovando nessa arte e com o passar do tempo vai evoluindo...

F: Você pega um centro de taguatinga, por exemplo e vai ter mais de 50 mil visualizações por dia. Todo mundo vai parar, até mesmo quem não faz isso, vai olhar e vai ver riscado. Pode não entender, mas quem está nesse movimento conhece e sabe quem é quem, às vezes até a cidade do cara. O cara começa a se destacar pelo afrontamento dele. Tem uma boa visualização. O pixo grita na parede.

K: Você acha que o pixo deveria ser legalizado?

F: Por parte eu acho que não, porque se ele for legalizado, ele vai deixar de ser vandal. Vai ser vendido se for legalizado. Não vai mais ser aquela adrenalina. Assim como um morador autoriza que faça um graffiti na sua residência, ele não vai querer letras de pixo autorizado... É você sair do seu comodismo e ir lá de frente para o muro, com qualquer um passando, faça chuva faça sol, e você chegar lá e pregar a sua tag. Isso que vai te dar adrenalina, secar a sua boca, que vai disparar o coração... tem muitos que vão pela adrenalina. Só quem tá lá na hora que sabe.

Mas eu acho que se o pixo fosse legalizado ele não seria o pixo que um dia eu conheci.

K: Você tem o sentimento de ser dono da rua?

F: Nunca tive. Eu tenho o sentimento de ser filho do dono da rua. A rua tá aí pra todos. Quando é uma repartição pública parece que o risco é maior, a adrenalina é maior. Eles tem esse abuso de pegar edificações. Já vem desde antigamente quando uma galera desafiava a outra... pegando o congresso, o plenário, a câmara... Aí fica nessa guerra de tinta, duelo de pegar repartições públicas até porque elas são mantenedoras de segurança, algumas até armadas, aí então isso torna mais difícil. Quando um local se torna mais difícil, se torna como um pódio. Hoje, pra chegar uma ação policial é questão de poucos minutos, com a comunicação... quanto maior o perigo, mais louvável é para o pixador.

Jão - Morador do Paranoá, entrevista realizada na UnB

K: Como você começou a pixar?

J: Comecei com na pixação moleque, na escola, coisa de criança mesmo... comecei em 98, tinha 11 anos de idade, eu tenho mais tempo de pixação do que de não pixação, mas na época que eu comecei era o mais moleque né, 11 anos, pixava mais a escola onde eu morava perto assim, de caneta, não pixava tanto *spray*, no máximo de *nugget*, aí foi começando a pixar e conhecendo os pixadores um e outro assim, aí comecei a pegar os *sprays* e fiquei pixando sozinho com os amigos sem gangues nem nada. Antigamente, na verdade, era mais briga, era guerra de gangue, então a pixação acabava que ficava tudo muito misturado assim... tinha gente que nem pixava, só brigava, tinha gente que só pixava, nem brigava, então acabava que a galera não tinha muito esse discernimento. Fiquei pixando com gangue acho que uns 8 anos mais ou menos, fiquei até 2008 mais ou menos. Depois parei de pixar por causa das guerras e fui para o graffiti. Sempre que eu pixava era problema... Parei com a pixação gangueira assim, acaba que não larga né, graffiti e pixo é tudo igual. 98% do graffiti que eu faço é ilegal. Pinto bomb. Pra você ter ideia, fui mais preso depois que comecei com o graffiti do que quando eu pixava. Na pixação já fui preso por causa de briga. No artigo de pixação eu só fui enquadrado depois que eu

comecei a fazer graffiti, por isso que eu falo que é a mesma coisa. A galera não entende. A pixação em Brasília tinha muito dessa onda da guerra. Eu já perdi muito amigo assim, à toa.

K: Você se acha o dono da rua?

J: O negócio não é ser dono da rua. Você vê o muro e vai fazer lá... Beleza, fui lá, botei meu nome porque eu achei legal o muro, eu quero fazer, eu achei bonito a parede, eu vou fazer, eu acho que vai ficar legal... o problema maior é porque quando o cara chegava para te traçar, ele não tava indo pelo pico só, ele tava indo por você, ele tava te atingindo. Aquele traço ali no nome era como se estivesse dando murro na cara, então acaba que era muito por esse lado assim né, tipo “é meu nome” você tá defendendo o que é seu. Até hoje ainda tem muito disso, só que a galera não chega mais nos finalmente, às vezes o cara já chega, troca uma ideia e falando “irmão, não é assim e tal”, tem casos que acontece até hoje de gente sair na porrada por causa de nome assim, o cara fez uma pixação ali, o grafiteiro fez um graffiti em cima... porque é questão de hierarquia, quem chegou primeiro é o dono do pico, entendeu? Manda quem chegou primeiro. É isso o que a galera começou a entender depois. Pego do lado, mas não passo por cima.

K: Pixo é arte?

J: A repressão à pixação é outra parada, ela é reprimida por que é arte Marginal, periférica. Tem uma galera que tem um pouco mais condição que faz, tem. Mas o grosso mesmo do movimento é tudo nas quebradas, e aí é como tudo que vem da quebrada, tudo que vem da quebrada é diferente, por exemplo, um Playboy rodar pixando e um cara que é da quebrada rodar pixando, é diferente... mesmo que esteja aqui no plano ou na quebrada... mesmo que o cara do plano esteja na quebrada e vice-versa, um rodar na quebrada do outro e tal, mesmo nisso você vê que tem diferença, mesmo que seja mínima, mas tem. Por exemplo, na hora que o cara te aponta arma que ele não sabe quem é você, é todo mundo igual, mas na hora que abre a boca é diferente. Galera que tem mais cultura sabe se expressar melhor... É muito complicado. Não acho que as guerras sejam só por causa da gangue. No plano a galera resolvia muito mais na porrada e na quebrada era mais no tiro, mas hoje em dia não é mais assim. Acho que é muito mais social do que pela arte em si.

J: A galera quer é o reconhecimento justamente de passar batido, ninguém nem precisa saber que foi você que fez aqui entendeu? Você vai lá e faz, acabou. Tá feito lá, eu sei que eu fiz, Quem me conhece sabe que fui eu que fiz e quem não me conhece, às vezes pelo estilo do meu traço sabe que fui eu que fiz. O cara nem sabe quem eu sou, mas ele vê o traço lá. Aí que entra essa questão da arte. A pixação sempre briga por esse reconhecimento artístico, porque não é qualquer um que sai com uma lata de tinta, com a adrenalina, sacou? Imagina o cara pendurado num prédio? Outra coisa é pixar no chão... Imagina o cara que sobe numa lateral do prédio, numa marquise... o cara tem que subir, tem que pensar na segurança, tem que pensar como vai fugir, porque ele vai ter que descer e ainda tem que pensar em como fazer a letra mais bonita possível. Então a questão da arte tá aí, que é a arte do vandalismo, você tem que saber fazer a coisa, não é qualquer um que faz que vai ficar bom. Brasília tem muita essa questão da gangueragem né, tinha muita influência de fora porque a pixação chegou de algum lugar. Eles não diferenciavam muito essa questão artística da pixação, era muito pela gangueragem, não tinha muito estilo assim da galera de pixar, era qualquer coisa mas era nossa gangue, foda-se a pixação, tipo, a pixação era uma das paradas da nossa gangue... é um das Vertentes... então hoje em dia a galera já começou a pensar mais por esse outro lado porque com a internet também começou a facilitar, muita gente começou a abrir a cabeça em relação a isso, e entender que em outro lugar vai ter um estilo diferente... então assim, um complementa o outro. São estilos diferentes, então você vai tá buscando algo novo né, que é onde que começou a morrer essa questão da Guerra, galera começou a levar mais pro lado do estilo.

J: Quem pixa mesmo, quem faz vandalismo, seja *bomb* ou pixação, uma dessas duas vertentes que são as mais fortes assim, *nequin* só faz porque tem revolta. Quem não tem revolta faz artisticamente. Quem acha que tá tudo bonito e tal... E é foda que essa galera que pinta artisticamente, descredibiliza a galera que tá no corre da rua que foi quem deu origem a tudo. Aí é onde que entra outra briga dentro do movimento. A galera tem que ponderar, uma coisa é eu fazer um trabalho comercial que eu ganhei pra isso, não é nem autoral, é uma tela. Se eu te vender uma tela depois ela chegar e meter uma faca na tela e rasgar, tu vai me cobrar a tela? Não vai. Vai ficar por isso mesmo. É a mesma situação. O painel quando é pago, não é

meu. Mas tem aquela lombra, eu fiz ilegal, então vamo tentar respeitar. O graffiti autorizado passa muito pano pro pixador. Às vezes o cara começou a pixar, o cana chegou, pode falar que é um graffiti... É uma via de mão dupla.

K: Você acha que está se comunicando?

J: Vou te falar a real, eu não penso nisso... eu acho que até comunica sim. A mensagem que eu passo é depredação mesmo, velho, sinceramente, fora do movimento eu vejo muito mais gente que desaprova do que aprova. Eu, particularmente, não espero a aprovação de ninguém não. Eu gosto principalmente quando fica puto, quando aparece um jornal... Porque aí você atingiu o objetivo, cutucou a ferida dos cara. É publicidade grátis!

K: Acha que o pixo deveria ser legalizado?

J: A ideia é sempre afrontar mesmo. Eu não quero que a pixação seja nunca autorizada. Eu não penso nisso não, eu só quero saber de fazer mesmo... às vezes mesmo que o cara não seja do movimento, nem entenda muito, mas o cara olha e fala "ó que doido" o cara nem sabe analisar a estética de nada, mas ele sabe meu nome.

Golk - Morador do Gama, entrevista realizada na UnB

K: Como você começou a pixar?

G: Eu acompanhava o pixo desde muito cedo, quando tinha uns 9 anos. Sempre estudei em escola pública, mais ou menos 2007-2008 tinha muita notícia sobre esse negócio de gangue, de galera, de sair para pixar. E aí, eu peguei na esportiva e acaba que se torna um vício você ficar rabiscado assim, todo lugar que você vê. Moro no Gama. Pixava no Gama, já pixei na samambaia, no plano, no entorno, park way. Saia pra pixar. Tem cidades que eles falam que é mais embaçada pra pixar. O gama mesmo é cheio de policia, mas tem os horários certos que é quando eles vão dar o descanso deles, tipo comer, que é das 2 às 4h. Depois das 4h também é de boa porque tá acabando o turno deles.

K: Qual a diferença entre pixação e graffiti?

G: Eu gosto bastante de graffiti e pixação, faço os dois. Mas pode esperar que o

graffiti é um trampo mais comercial e mais colorido, não tem tanto protesto quanto eu acho que tem no pixo. É chegar lá meter as *tag*, meter os nomes e deixar lá. Porém no pixo, sempre vai ter dois tipos de pixadores. Aquele que entra pela fama mesmo e outro que realmente vê uma forma de protesto. E acho que aqui no DF é mais pela fama, os pixadores. Mas São Paulo é mais uma questão de protestos, vandalismo mesmo. Então o grafite é mais para deixar uma casa bonita, por exemplo, jogar umas tintas. E o pixo não é para ficar bonito não.

K: Porque o pixo é uma forma de protesto?

G: Não sei se vcs sabem mas a pixação foi criada nas periferias como uma forma de mostrar que a parte esquecida não está realmente esquecida, estavam querendo ter um espaço na sociedade, pode ser pelo lado bom, pode ser pelo lado ruim. Pra muita gente é coisa ruim. Então assim, foi a forma que encontraram de entrar pra sociedade, pra ver eles e não passar esquecido, passar batido. Então é uma forma de mostrar o cotidiano que você vive. Se você perceber, a maioria dos pixadores são de cidades satélites. Você já cresce vendo os pixadores, as gangues. Então assim, é uma coisa das classes baixas, né. Assim, quando eu pixo eu sempre boto uma frase no final. Eu pixei um viaduto lá no gama que eu coloquei "fora temer" no final. Tem uma pixação aqui na rodoviária que já botaram "do congresso se gritar um 'pega ladrão'..." falando do congresso, colocou o nome entre parênteses. Também já pixei contra o aumento das tarifas dos ônibus "5 reais é roubo".

K: O que você acha sobre ser dono da rua?

G: Ninguém quer ver sua casa pixada. Eu particularmente prefiro pixar coisa do governo do que a coisa dos outros. Acho que não dá pra explicar, você que é pixador, você vê uma parede você já quer pixar, é meio que inevitável e você acaba pixando a casa de morador que não tem nada a ver, mas acontece né, a pixação é isso. O meu objetivo é o sistema, atacar o sistema, prejudicar o sistema. Apesar de que aquele dinheiro ali que vão gastar limpando, pode ser meu, pode ser seu, mas eu tento atingir o sistema, não os moradores.

K: Como você se relaciona com as outras gangues?

G: É realmente uma família (gangues), mas tem grupos dentro que não tem a mesma ideia. Um cara da gangue rival me *anarquizou*, passou o traço no meu nome,

aí eles falam "vamo lá pegar o cara". Assim não é o certo, mas muitas pessoas se unem só pra ir na gangue rival e ir, sei lá, brigar. Hoje em dia não é igual antes, rolava muita morte, facada e tudo, hoje em dia as pessoas deixa muita coisa passar batido, se levar um risco, risca o outro nome e vai assim. Antigamente era mais sério. E aí, eles são unidos nessa questão, mas tem muita brigas também. é praticamente uma família, as famílias têm brigas né, são união, mas tem briga. É uma família. Por eu ser mais novo eu não peguei uma fase da pixação que o negócio era bruto mesmo. Se você fosse em outra cidade já tinha gente te esperando lá, que podia tirar uma arma pra você, só de você ser de outra gangue. Mas hoje em dia qualquer pixador pode ir em outra cidade e pixar normal que não acontece nada.

K: Você acha que a pixação deveria ser legalizada?

G: Não, se não perde a graça. Ai você vai virar ali, pixar ali e acabou, não tem adrenalina. Eu gosto da pixação por conta da adrenalina. A adrenalina de correr da polícia por um lado é bom, você termina de pixar e vem a polícia e quebra a cara porque percebe que não vão te pegar.

K: Você considera o pixo como arte?

G: Pra quem é do mundo da pixação é arte, e eu vejo como uma cultura, porque não é só no Brasil que existe a pixação, e você pode ver que a pixação sempre vem da parte mais pobre e esquecida da sociedade. É uma cultura que vai ter pra sempre, sempre vai existir o pixo. Quem é de fora vê um negócio feio, mas quem é de dentro vê que é arte.

Kalor - Atualmente mora em São Paulo

K: Como você começou a pixar?

K: Comecei a Pixar na escola. Nisso eu devia ter na faixa de 12 anos, e como era uma coisa assim enigmática, né, uma coisa que ninguém conhecia, me chamou atenção, por que eu sou muito curioso e acabou que o primeiro contato com a pixação foi essa, mas logo os meus amigos de prédio onde morava também já tinham seus primeiros contatos com a pixação e nisso a gente começou, mais como

uma brincadeira de criança, naquela idade de 12 anos vivendo ali no começo dos anos 90, que não tinha essa tecnologia que tem hoje, então foi assim que eu comecei no mundo da pixação... depois de um período me afastei, mas como sempre tinha um ou outro amigo envolvido também, acaba que você nunca consegue totalmente ficar fora desse mundo da pixação. Há muito tempo não faço mais isso, mas acaba que eu ainda estou envolvido também.

K: Você se considera o dono da rua?

K: Pixador não pixa a rua porque ele acha que ele é dono da rua, entendeu? quem acha que é dono da Rua é um vizinho intrometido ou dependendo da situação, do bairro, da simplicidade, o traficante pode achar que é o dono da rua, o policial às vezes pode achar que é o dono da rua... O pixador ele nunca se acha o dono da rua, até mesmo porque os muros só existem porque o mundo é desigual, num mundo onde todo mundo tem o que comer, um mundo onde todo mundo estuda, todo mundo consegue ter as coisas de desejo, não existe muro porque ninguém vai querer roubar o de ninguém, as casas não teriam muro, ela teria a parede dela né, a sustentação, a alvenaria mas o muro não existiria... a maioria das pixações ocorrem nos muros ou nas portas das lojas, que elas geralmente visam assegurar a propriedade privado ou particular, que nesse mundo desigual se não tiver a proteção pode ser roubado, infelizmente é assim que acontece e o mundo é muito desigual em particular o Brasil é demais... então o pixador ele pega esse muro, essa barreira e escreve o nome dele entendeu? É uma lousa isso, porque o muro se um dia ele foi pintado e ele tá limpo, é branco, é azul, é amarelo, é qualquer outra coisa, ou a porta de aço que um dia vai enferrujar ou alguém vai sem querer passar o pé nela, ou a chuva vai derrubar uma árvore e vai sujar, ou alguém vai passar na rua e vai jogar uma poça de lama nele, ou próprio desgaste natural vai desbotar a tinta... então um risco numa parede branca é um dano quase que banal, o proprietário não vai perder nada na propriedade dele, vai ser um detalhe no muro apenas, se era um muro todo branco, vai ficar um muro branco com preto, se era um muro colorido vai ficar com mais uma cor, que é uma coisa que mais cedo ou mais tarde ele ia ter que pintar, por que é um muro branco onde ele vai ficar sujo de novo... mas aí Alguns podem falar “mas desvaloriza a casa da pessoa, as vezes tá para alugar, as vezes é comércio...” mas se desvalorizou o dele, desvalorizou de todo mundo porque

Infelizmente essa moda da pixação, esse movimento, na verdade, hoje em dia mais fraco em Brasília, mas ainda não está extinto, então basicamente desde os anos 80 é isso já são 30 anos nessa cultura, as pessoas não veem mais dessa maneira, porque acaba que é como enxugar gelo, infelizmente tem quem não goste. Mas quem entende a cultura que está por trás dessa sujeira aparente, para quem não entende, vai começar a dar valor dependendo da pessoa e do pixador que fez a sua porta, você vai achar até bom, por que isso pode virar até um marketing no futuro... numa geração que cresceu vendo isso... então para mim não existe esse negócio de pixador achar que é o dono da rua e por isso ele ir lá e pixar a casa do outro, nada a ver isso aí.

K: Você acha que é um tipo de protesto?

K: Pixador que fala que pixa por protesto, é muito pouco, porque na verdade ele pixa para ele se destacar na cultura que existe na rua, é como se fosse um mundo paralelo, então ele não pixa aquilo ali para protestar, na verdade, ele está pixando um muro que de certa forma já diz que ele é uma propriedade privada. Geralmente o cara que é um pixador, ele não tem uma condição social muito boa, às vezes ele não tem nenhuma propriedade privada, às vezes Apenas um celular, então só dele pixar um muro já é uma forma de protesto se você ver por esse lado, porque na verdade ele está protestando esse muro... ele não precisaria ter criado esse tipo de diversão, por não ter outras condições, por que uma diversão dessa custa um preço de um *spray* que hoje deve estar aí na faixa de 10 a r\$20, relativamente barato se você ver que tem gente se divertindo com outras coisas... agora o protesto, aquele protesto original de punk, no começo dos anos 80, na época da ditadura, anos 70, 60 aquilo ali não existe no meio da pixação... ninguém fica “olha, agora o Lula foi preso, eu vou lá fazer um protesto contra ou a favor, ah mas agora eu quero que o presidente Temer caia, eu vou escrever lá que aconteceu isso e isso” um protesto inteligente, um protesto realmente como existia na época da ditadura, pixação... essa daí pixador nenhum faz.

K: Você acha que está comunicando?

K: O pixador comunica com esse mundo, essa cultura, que quem entende essa cultura ele tá se comunicando... se uma tiazinha, o neto dela começou a pixar (isso acontece com mãe, pai), começa a saber até ler o nome dos próprios filhos, se ela

começou a ler e ela começa a observar de vários outros, ela começou a ler e tá pixando para essa pessoa também... As letras ficaram mais simples e legíveis para qualquer um passar e ver, seja de moto, de skate, de bike, de patinete, de ônibus, de carro então acaba que as pessoas comuns começam a ler.

K: Você acha que o pixo deveria ser legalizado?

K: O próprio ato da pixação já diz que é uma transgressão e dificilmente Isso vai ser legalizado algum dia, ela pode ser legalizada da seguinte forma: pixador faz uma tela, ele põe na galeria e a pessoa vai lá e compra, de certa forma legalizou e até capitalizou a pixação.

K: Qual a diferença entre graffiti e pixação?

K: É tudo interligado graffiti e pixação, ou Verdadeiro grafite. O termo graffiti e pixação é a mesma coisa, agora o graffiti bonitinho que a pessoa vai lá faz um desenhinho, Faz um bonequinho feliz, faz uma bonequinha feliz, isso não é graffiti... isso aí é Street Art, isso daí você pode chamar do nome que a pessoa quiser... o graffiti em si é um ato ilegal, se você quiser realmente fazer um graffiti com várias cores, fazer contorno, às vezes até sombra, dimensionar 3D, tudo, beleza... No Brasil não tinha condições de comprar 3, 4 *spray*, então a pessoa comprava um *spray* e tinha mais cinco amiguinhos que não tinha condições nenhuma de comprar *spray*, então eles iam para a Rua fazer o quê? graffiti? um carinha ia fazer o nome dele e os outros 5 só ia acompanhar? então graffiti acabou virando só o nome... Legalizar a pichação é impossível.

K: Em Brasília, a cultura que se criou é essa, o pixador tem que ter o nome dele, o vulgo e a gangue. Por causa da cultura de gangue que também chegou junto com a cultura de pixação, tendo até a fusão disso, que veio através da cultura de rap Gangster da Costa Oeste, Los Angeles, que foi representado muito bem pelos grupos de rap de Brasília, Álibi, Cirurgia Moral, vários grupos de Ceilândia, Taguatinga, Riacho Fundo 1 e 2, Planaltina, então era a cultura Gangster que somou com a cultura de pixação e virou tudo uma fusão isso daí. E uma pessoa sozinha no mar de tubarões geralmente costuma ser engolido, então ele precisa entrar no seu cardume para tentar sair, ter até uma proteção.

K: Pixação é arte?

K: Eu acredito sim que a pixação pode ser um meio de arte. Se você olhar o estilo de Brasília ele é total diferente. Em Brasília, graças a geração dos anos 90, vários estilos foram criados, vários alfabetos foram feitos com base nos alfabetos antigos da geração anterior... criou-se a cultura das Letras loucas, quem tinha letra louca, era muito mais falado e famoso do que um pixador que tinha pixação em toda Brasília, mas com letra feia... Existe vários tipos de letra, existe uma letra que fica melhor numa porta de aço, existe uma letra que fica melhor num muro gigante, existe uma letra que fica melhor numa escalada no terceiro andar, então Brasília existe isso, nos outros locais se ele pegar o muro gigante, se ele pegar uma escalada no vigésimo andar ou se ele pegar no esgoto ele vai marcar o mesmo estilo de letra ele só vai mudar o tamanho. Então por Brasília ter toda essa cultura relacionada a letra, a ter estilos de letras, a valorizar bom letrista, eu acho que a pixação em Brasília, acima de qualquer outra que eu já vi É sim muito artística, Com certeza se relaciona com a arte e ao movimento, mesmo que sendo na parede alheia, no muro alheio, que cresceu e tem vários artistas que são respeitados, se brincar até mais que Picasso e Van Gogh, que infelizmente a cultura não chegou para essas pessoas.

Natyvo - Morador de Águas Claras, entrevista realizada no mesmo local

K: Como começou a pixar?

N: Comecei mais por gostar da estética, não pelo ato do vandalismo, por que pela idade que eu tinha, eu não tinha noção do que era o ato de vandalismo né, mas me chamava atenção os riscos na parede... assim, para mim a pixação é como uma obra de arte, mais pela questão de olhar o pixo e achar bacana. Por incrível que pareça, comecei com o graffiti bomb há 3 anos atrás. Eu pixei em meados de 95 até os anos 2000, e dei uma parada. De lá até aqui a pixação sempre foi em segundo plano, mas quando saio e tô com um *spray* aproveito pra fazer uma pixação.

N: Tem uma frase que é bem Clichê em relação ao pixo, “o pixo é a porta de entrada para o crime”, entendeu? primeiro que o pixo já é considerado crime, Então você já tá sendo um criminoso de um grau bem baixo, Mas já tá contra a lei, e no meio da

pixação você se envolve com a gangue e da gangue você começa o furto, e assim vai... então assim, é meio que coligado a pixação e junto com a violência, aí é onde que você vai ter que se impor para, às vezes, ter uma moral dentro da sua gangue, no meio da pixação ou até a auto afirmação entendeu? a criminalidade no meio do pixo é assim, não corre separadamente, tá no meio... não tem pixador que não é criminoso, tem aquele que vai falar que começou a Pixar e nunca roubou nada... isso é mentira, praticamente não existe. Não posso generalizar, mas quase não existe.

K: Você se sente o dono da rua?

N: Nunca me senti o dono da rua, me sentia uma peça fundamental na minha gangue. Eu gosto da pixação, sou pixador, para mim é arte e eu vou encostar ali e vou pixar e pronto, pode ser de quem seja, independente se era de outro pixador ou de outro morador.

K: É um protesto?

N: Pra mim você tá pixando, você tá fazendo arte e tá difundindo o seu nome e sua sigla. Não vai como protesto.

K: Acha que está se comunicando com alguém?

N: Eu acho que você tá se comunicando com quem é do Meio... Por mais que tenha um pixador que você não conheça, nunca viu, você botou sua pixação ali, você está se comunicando... a pessoa tá vendo quem é você, tá sabendo quem é você. É uma comunicação.

K: E se o pixo fosse legalizado?

N: Se for legalizado perde o sentido. Porque assim, a pixação é meio que um grito do jovem, é uma auto afirmação, se for legalizado, cai na banalidade... não vai ter aquele frio na barriga.

N: Até teve aquele projeto ridículo aqui do Picasso não Pichava. Palhaçada de primeira. Tinha pixador que se fosse preso podia apenas revestir ao comparecimento do Picasso não pichava, só que a aula era dada por ex líder de gangue... então qual o sentido que tem isso? "ah, eu me regenerarei porque eu tô recebendo o dinheiro do governo"... Para mim isso foi uma traição do caralho. A

maioria dos caras que passaram pelo Picasso não pichava, eram líderes de gangue nos anos 90, e os cara entraram com aquela oportunidade de emprego do governo... tipo assim, pô como é que eu fui líder de uma gangue e amanhã tô falando mal da pixação?

N: Toda vez que eu faço um bomb, eu meto uma pixação do lado e fico amando mais a pixação que eu fiz do que o Bomb, para mim a pixação sobressai a qualquer tipo de arte. Não é um crime... mesmo sabendo que é crime, pra mim não é.

K: Qual a diferença entre o pixo e o graffiti?

N: Eu acho que hoje o Graffiti tá dando uma substituída no pixo, muito cara que é pixador e que tem uma certa fama na cidade estão fazendo o grapixo. O grapixo é basicamente uma pixação colorida, o bomb é um estilo de graffiti, e o grapixo é um estilo de pixação, faz com letra de pixação com rolinho e colorido. A galera do pixo tá mandando grapixo e bomb, salvo alguns que continuam na pixação.

Neguin - Morador do Riacho Fundo 1, entrevista realizada no mesmo local

K: Como você começou a pixar?

N: Quando comecei a pixar era meados de 2002 pra 2003, na escola, ne, como todo mundo, e comecei pixar na sala de aula. Com o tempo fui pixando, pixando e conheci uma galera. Comecei a pixar o Riacho muito, muito mermo, tanto é que os policiais me chamavam era pelo nome. Pixei muitas escolas, não queria saber de nada. E meus rolês quando era de menor era sempre de pé. Pegava o baú e descia no Bandeirante e ficava moscando olhando pro céu até meia noite, uma da manhã, bebendo pinga e "vamo pixar onde? guará" ai saia do bandeirante e ia pro guará. Rodava o Guará e não achava lugar pra pixar e ia pro Cruzeiro, chegava lá pixava e voltava de pé. Então os rolê sempre foram mais ou menos assim, né. 2006 a 2009 foram os anos mais concorridos no DF. Muita guerra, muita morte e não tinha espaço. Hoje em dia você vê, mas você os mesmos nomes que você via a 10 anos. Hoje não tem mais moleque novo pra dar o sangue pela galera. Tem uns véi, a partir de 25 pra cima, pixando. Você vê mais a gente.

N: Hoje em dia todo mundo tem uma profissão, tem sua história. Antigamente você era de menor, você seguia só aquela razão do pixo. Você só pixava, ou você parava de estudar e pixava ou tu estudava e pixava, entendeu? A gente vai ficando velho, vai tendo compromisso, responsabilidade, sou pai de família, sou casado só que minha mulher sabe que eu pixo. Passou raiva... pego a mão na lata e saio doido aí que é melhor do que ficar em casa brigando. Então vai tomando responsabilidade, precisa de dinheiro pra comprar lata, tem que pagar água, luz. Todo mundo hoje em dia depois dos 25 não mora mais com os pais, então a gente tá assumindo muita responsabilidade hoje em dia mas a gente é muito interagido no pixo. Tem um pessoal chato que pergunta todo dia "que dia vai parar de pixar?" Não vou parar nunca, se eu tiver 40 anos, bateu a vontade, vou pixar. Na época que nós crescemos, não era só o pixo, era muito crime, muita criminalidade. Era questão de não poder andar com fulano. Muita rivalidade.

K: Você tem o sentimento de ser dono da rua?

N: Quando a gente era mais novo, rolava o sentimento de "Quero ser famoso". Não tem um pixador que não fala isso, andar na rua e sentir aquele ego dentro dele. Passar na rua e tudo que é fulano da rua falar "caralho, moleque pixou ali, não sei o que", entendeu? Hoje em dia já não tem, hoje em dia e nois é só a consequência, fomos muito conhecido no passado e hoje a gente vai andando. Tanto é que a gente passa muitos anos pixando, pessoal te conhece, não tem muito aquele "ah eu sou dono da rua". O sentimento de você catar um local privado, que ninguém tem coragem de entrar e você ir lá e catar é diferente do que você catar uma casa que é de esquina. Uma escola pública, entendeu. Você catar uma escola, puta merda, pra você é a melhor coisa que existe falar "oh vai passar fulano de tal pra ver meu pixo" e vai vim lá no messenger (na época era o messenger né) e falar "catou aquele lugar lá" aí tem o reconhecimento. Agora quando o pessoal da rua que não conhece, não tem sentimento nenhum, que a gente é tipo um submundo, né. Só quem pixa que entende as letras. Mas hoje em dia tá tão simpleszinha, que até minha mãe conhece. Tá muito fraco, o pixo.

K: Acha que está protestando?

N: É uma forma de protesto contra tudo. Depende do que a pessoa tá pixando no dia. No meu caso eu pixei porque eu gostei, mas tem uns brothers que pixam

sempre frases políticas "fora dilma"; "fora lula"; "fora temer". Então o protesto pode ser político. Pode ser um protesto contra a polícia. Frases do rap de opressão da polícia. Catar um monumento é uma forma de protesto contra o governo, porque ninguém aqui tem coragem de ficar catando um monumento. Antigamente muitos pixavam (monumentos) então era contra o governo. Hoje em dia tem o medo da polícia, antigamente não tinha. Têm vários tipos ne, eu mesmo pixo por pixar, hoje em dia já falo que virou um hobbie. Prazer meu.

K: O pixo é uma forma de comunicar?

N: Estou me comunicando, com certeza. Com todo mundo. Entre a gente rola uma comunicação, se eu fui pra Bahia e fui pixando daqui até a Bahia, quem ver vai pensar "Carai foi pixando daqui até a Bahia", me comuniquei com ele. Porque a pixação é saber ler, multiplicar, somar, você nunca esquece. Tu aprendeu a ler as letras, tu pode estar fazendo nada, pode falar que não pixa mais. Tu bota a cabeça pra fora, olha pro lado ai tu vê "João" tu pensa "caraio, como que faço, não tô nem mais envolvido nisso mas eu tô lendo". Então eu tô me comunicando com a gente que conhece, quem não conhece não tem como. Quem não é envolvido abomina. Mas pra nós não, é uma diversão da periferia. Tem muitos amigos meus que não rouba, não trafica, faz nada. Pra eles se divertirem com a cara da polícia, eles pixam. Os cara trabalhador, dono de loja, pai de família.

K: E se o pixo for legalizado?

N: Se for legalizado perde a graça. Pessoal só gosta do que é proibido.

K: Qual a diferença entre graffiti e pixo?

N: Grafite hoje em dia tá mais pra legalizado. Chega, bate na porta da senhora e pergunta se pode grafitar. E tem aquele grafite que é pago, alguém te contrata e você faz o grafite. E tem o bomb vandal, é a mesma coisa do pixo. O pixo é o vandalismo. O pixo só é crime porque não é autorizado, a mesma coisa do bomb. A diferença só está nessas três regrinhas. O pixo é uma arte, hoje em dia a gente se adequou à evolução do pixo, hoje em dia nasceu o grapixo, que a gente faz o pixo, coloca umas corzinha, uma sobra. Quem olha de longe pensa que é um grafite, mas a gente não tem autorização, faz na cara dura. Faz um fundo vei *fake* com rolim, e

só vem contornando por fora as mesma letra do pixo a gente colocou na letra do graffiti.

Raley - Morador do Riacho Fundo 2

K: Como você começou na pixação?

R: Então, a pixação começou na minha vida em meados de 1996, onde a gente se reunia e aquela fase da gente poder se encontrar entre os meios, entre os grupos. A pixação chegou aqui em Brasília através da pixação do Rio de Janeiro, ela chegou aqui em meados dos anos 80... e começou a ser modificada de 89 a 90, mostrando a sua própria cara com seus traços arredondados, diferente dos traços que é do Rio de Janeiro. A partir de 89, 90 ela começou a ter a sua própria cara, sua própria identificação, que a partir disso começou a ser montado grupos a partir de 3 siglas. Várias siglas nessa época foram montadas, algumas hoje até existentes, outras já extintas... a partir disso, a gente foi querendo se encontrar no meio entre as classes, que eu falo de jovens, Então eu queria buscar minha própria identificação Entre todos.

R: A maioria entrava na gangue para se achar, para procurar uma identificação e com isso ele pixava... entre as gangues rola droga, as pessoas saem para roubar e brigas que aconteciam porque tinha as brigas entre as gangues rivais, eu deixo bem claro “as brigas aconteciam entre as grandes rivais”, vai a partir do momento que um tivesse uma intriga com outro ou o Fulano x atropelava ou riscava o nome da sigla ou da pessoa... dessa forma acontecia as guerras onde vem a acontecer as mortes. Dentro das gangues Tem muita gente que procura status... alguns automaticamente acabam se deixando se levar e acabam se envolvendo com crime e a partir do crime que acaba se envolvendo, ele vai praticar assalto, ele vai vender droga e etc. Essa é uma forma que alguns acabam se Levando pelo crime, outros só procuram mesmo uma forma de se expor, uma forma de se expressar, uma forma de sentimento etc.

K: Você tem o sentimento de ser dono da rua?

R: A partir do momento que a gente pratica Esse ato ilícito que é a pixação que é considerado como crime, a gente procura sim o sentimento de ser dono da rua.

então assim, quando a gente pinta uma casa, um prédio público, um shopping é uma forma de ser o dono da rua, tanto que a gente disputa os Espaços com outras gangues, por isso que tem essa questão de conflito entre Gangues. Infelizmente algumas guerras acabam levando a morte... logicamente que não é todos que tem a intenção, Mas a partir do momento que você cria um respeito na rua e você procura essa identificação, Então você tem um nome a zelar, então por isso que você tem que bater de frente até as últimas consequências.

K: Você acha que está se comunicando?

R: Quando a gente tá pixando estamos sim se comunicando, estamos comunicando entre os meios e se comunicando com o estado. Tenho duas faculdades, mas nunca larguei, considero que seja uma vida Dois Mundos.

K: Considera o pixo arte?

R: O pixo é sim considerado como arte, tudo que vem como uma forma de você se expressar de alguma forma nas paredes, ele é considerado sim como arte.

K: Qual a diferença entre pixação e graffiti?

R: O pixo e o Graffiti andam de mãos dadas. Para uma pessoa ser um grafiteiro, ela tem que ter sido vândalo, para mim eu considero o pixo com vândalo, a partir do momento que ele passa a ser liberado, ele deixa de ser pixo, então é uma forma de você se expressar. E o graffiti, a raiz dele vem da pixação, todos os grafiteiros hoje, atualmente, uma boa maioria veio do pixo. Aqueles que não vieram do pixo não é considerado como um grafiteiro, isso no meu ponto de vista.

R: Fiquei 7 anos preso... a partir do momento que você entra no mundo da pixação... é a escola do crime, é uma porta de acesso para a criminalidade, e querendo ou não tinha que defender a minha sigla, eu tinha que mostrar para eles quem é que mandava na situação... Vai de quem tem disposição para se envolver na parada. Alguns se envolve diretamente, outros não, tanto que muitos erraram em praticar vários crimes, mas que nos dias de hoje são tranquilos que nem eu. Já sou formado em assistência social. Fiquei 7 anos presos, trabalhei e estudei na cadeia... cheguei na cadeia com ensino fundamental, dentro da cadeia terminei o ensino fundamental, terminei o ensino médio, passei no ENEM dentro da cadeia e ganhei uma bolsa na faculdade, então eu estudava na cadeia, quando a minha pena tava

acabando... fazia a faculdade à distância... quando tava acabando eu ganhei o direito de ir para o regime semiaberto onde eu fiquei no galpão, e voltava, estudava, trabalhava e voltava para cadeia... Hoje tenho 34 anos, vou fazer 35, tô no mundo da pixação aí mais de 18, 19 anos, conheci várias pessoas dentro do pixo, com as amizades que hoje eu levo comigo.

Anônimo 2 - Entrevista realizada em Taguatinga

K: Como começou a pixar?

A2: Comecei a pixar em 2015, não lembro muito bem o mês, mas eu lembro que na minha sala de escola, estudava em colégio público lá no Paranóia. Tinha um rapaz que pixava, só que não era aquelas letras que a gente tá acostumado, aquelas letra bonita, era as letra feinha de quem tá começando, aí me interessei por causa disso. Lembro que comprei uma lata e comecei a rabiscar, acabei gostando daquilo.

K: Você se considera o dono da rua?

A2: Primeiramente vocês tem que entender é que pixar não é vândalo. Querendo ou não a sociedade não gosta de pixo, nunca vai gostar, mas assim, eu não sei quanto as outras pessoas. Mas a gente fica gastando lombra na rua. Se reúne na rua pra beber. Porque pixação pra nós é amizade. Paredes direto são pintadas, mas o que gente vai levar pra vida são as amizades que a gente faz no caminho, é isso que nos move, entendeu? A gente marca pra beber, já pega uns *spray* e sai rabiscando, basicamente isso. É claro que tem muitas coisas que envolvem (pixação), uma delas é a fama. A fama certamente acaba mexendo com a gente, porque pixador famoso no nosso mundo, tem que ter letra bonita e bastante vulgo na cidade. Aí você acaba ganhando respeito entre os outros pixadores, isso também é bom, mas a respeito dos outros eu não tenho o ego tão alto assim pra me sentir dono de nada não, só sou mais um.

K: Pixar é uma forma de protesto?

A2: Depende do ponto de vista de quem faz, primeiro que o meu, como a sigla é uma gangue de Brasília, o intuito é só sair com a nossa galera, então a gente levanta galera porque quanto mais nome tiver mais respeito a gangue tem. Então, o nosso

estilo de pixação é gangueragem. Agora tem muitas pessoas que fazem a pixação em forma de protesto e nosso intuito não é esse, é basicamente só rabiscar nossos nomes para gerar ibope. Basicamente a gente faz isso pra ser lembrado, justamente isso, porque existe uma frase que fala "Quem não é visto não é lembrado", essa frase é basicamente pra nós, fazemos isso pra que nossa passagem aqui nesse mundo não passe em branco.

K: Acha que o pixo deveria ser legalizado?

A2: Eu acho que se fosse legalizado não ia ter muita gente fazendo isso, porque o que dá gosto pra nós é o vandalismo, é o ilegal. Porque a gente querendo ou não, gosta de adrenalina. A adrenalina que basicamente nos move. Se fosse legalizado não teria a mesma graça que tem hoje.

K: Qual a diferença entre graffiti e pixação?

A2: Tem o graffiti que é comercial, o dono que paga e tem o vandal que é a mesma coisa que pixação. Se não tiver autorização é a mesma coisa que vandal. Não é muito diferente uma coisa da outra, mas esse negócio fica oscilando, pixo e graffiti tem muita coisa que envolve. Pixador geralmente respeita graffiti, mas sempre tem uns que atropela graffiti e tem grafiteiro que atropela pixo. E às vezes acaba criando uma guerra, criando atrito por causa disso. Tem que ter respeito acima de tudo. Muitos grafiteiros que começaram a grafitar, alguns deles já saíram da pixação, então basicamente ele sabe como é a vida de um pixador, então muitas vezes ele respeita.

K: O pixo é arte?

A2: O pixo pra mim é uma liberdade de expressão. Porque a gente tá se expressando de alguma forma. Agora, arte, arte, isso varia do ponto de vista de quem vê. O pixo é ilegal mas é uma forma artística da gente se expressar, porque nenhuma letra dessas que a gente faz, uma pessoa, um leigo, ele não vai conseguir entender. Só quem faz parte desse mundo. Então pra quem faz parte desse mundo pode ser que seja uma arte, mas pra sociedade nunca vai ser uma arte. Por causa do preconceito vandal.

K: Quando você pixa está se comunicando?

A2: A pixação ela é basicamente só para o nosso mundo, basicamente. Pra uma

pessoa que não tem entendimento, ela vai achar aquilo, pode ser um azar dela, que pintou a loja dela lá e o outro cara pegou. Mas no nosso mundo a gente que ganha status.

K: Conhece o projeto Picasso não Pichava?

A2: Conheço o Picasso não pichava, tinha no Paranoá. Na época que eu estudava lá eu até queria entrar. Mas a gente acabou mudando pro Guará. Se lá no Guará tivesse também, eu com certeza iria fazer, porque é uma coisa que vai certamente tirar os jovens dessa vida. Porque muitas vezes o que traz os jovens pra essa vida é a gente, nós próprios. Convivência com eles na rua, nas quadras, eles acabam se espelhando na gente. Querendo ou não, quando a gente tem uma certa quantidade de nomes na parede a gente ganha o respeito, tanto na quebrada que é nossa área quanto com os outros pixadores. É isso, quando a juventude vê a gente, eles acabam querendo seguir esse caminho também em busca do respeito. E o Picasso não Pichava ele acaba tirando o pessoal dessa vida para levar para uma arte. Porque muitas vezes a pixação em si acaba em guerra, rola inveja, rola de atropelar o outro por querer ou não, anular a frase do outro. Eu acredito que o Picasso não Pichava contribui muito pro valor da sociedade, porque ele pode tirar aquele cara que provavelmente se transformaria em um bandido e tá trazendo ele pro mundo artístico, hip hop, cultura de rua. Cultura de rua não significa que o cara é bandido, entendeu? E o picasso não pichava eu acho que tem um valor de peso pra sociedade, infelizmente não temos muito, não sei se tem ativo ainda. Na época que eu tava começando a pixação e tivesse entrado para o Picasso não pichava eu acho que sairia sim, não era tão envolvido assim, eu acho que sairia. Não me arrependo de ter entrado pra gangue. Porque eu acredito que a gente leva é experiência, tudo na vida é experiência. Então caso eu me arrependa um dia, já vou lembrar e falar "olha eu fiz aquilo e tal" vou levar pra frente como experiência.

A2: A pixação é uma cultura de favela. Então dificilmente você vai ver uma rapaziada de classe alta pixando, muito dificilmente. Nisso que a pixação envolve a favela, esse jovem muitas vezes eles vem de uma família desestruturada, não vou dizer todas, mas vem de poucas condições e acaba se envolvendo com tráfico, roubo, atividades ilícitas. Nisso, o nome dele já é associado com isso. Ele já ganha um certo respeito, um certo temor. A rapaziada que tá começando agora acaba se

espelhando no rapaz. Isso pode acontecer de o rapaz que é envolvido com os atos infracionais acaba levando o jovem pra esse mundo de pixação. Começa com um simples rabisco, quando você vê ele já tá roubando carro pra comprar *spray*, já tá vendendo droga, entendeu? Então acho o Picasso não Pichava tem um valor pra tirar justamente o jovem da realidade dessa pixação, porque muitas vezes a pixação leva a pessoa pro lado do crime. Pra sociedade o Picasso não Pichava seria fundamental pra inibir a pixação, um pouco.

K: Acha que a pixação deveria ser legalizada?

A2: A pixação varia muita da cabeça do pixador. porque nem todo pixador é criminoso, mas pelo menos um monte que conheço exercer alguma atividade ilícita. Pixação em si já é um crime, então se você tá cometendo a pixação então você é basicamente um criminoso. Você está infringindo a lei. Tudo que infringe a lei é um crime, pode ser hediondo ou não, mas é um crime.

A2: A pixação é um tema meio complicado de falar assim, sobre leis, até então o GDF aumentou a multa. Se for patrimônio público e não for réu primário a pena já varia entre 5 e 10 mil, se for monumento você vai preso na hora. Basicamente não adianta colocar lei, colocar multa, sempre vai ter um cara que vai estar pixando, não tem como. Porque muitas vezes ele faz isso...Pixador vai fazer, ele vai pixar o muro pra ser visto, pra ser reconhecido no nosso mundo. Porque a sociedade não vai entender, não vai gostar e a gente não liga muito pra isso, para o que a sociedade fala. Quando a gente tá pixando mesmo a gente só liga pra viatura, a gente não quer que a viatura pegue a gente se não a gente é esculachado. Na minha opinião não adianta fazer lei, não adianta fazer operação. porque sempre, se pegar um aqui outro vai estar fazendo, são muitos pixadores, não tem como ter um controle pra isso. Pode até ser que haja uma lei, mas se o policial exercer a risca, mesmo assim acho que não adianta, porque a ilegalidade é o que nos move. Eu acho que a gente também não pensa nas consequências, a gente sabe dos risco de ter que pagar uma cesta básica, ter que pagar uma multa, horas, mas a gente não liga muito na hora. A gente não liga.

Sapeka - Moradora de Ceilândia, entrevista realizada em Taguatinga

K: Como começou a pixar?

S: Eu era bem novinha, uns 14 anos e conheci os meninos que pixavam. Eu era evangélica, e quando conheci fiquei fascinada pela pixação. Comecei pixando muro de casas com nugget.

K: Tem o sentimento de ser dona da rua?

S: Não tenho sentimento de ser dona da rua, é mais por nome mesmo, pra ter o nome pela cidade toda e por todas as cidades. Lógico que tem aquelas avenidas mais movimentadas, mas não tem lugar específico, é mais para os próprios pixadores passarem e ver que tá ali. Eu particularmente pixo mais pela pixação mesmo, não para quem tá passando. Gosto muito de pixar, é tipo um vício.

K: O pixo é um tipo de protesto? Comunica?

S: Eu mesma não faço pelo protesto, é só pela gangueragem mesmo. Não acho que estou comunicando com as pessoas que estão passando. Eu acho que começou como protesto e depois passou a ser só entre a gente, a gente com a gente mesmo, tanto é que a gente não passa nossa mensagem, a gente passa o nosso nome, a nossa gangue. Então pra quem não entende, quem não é pixador, é só um nome, uma sigla.

K: Acha que deveria ser legalizado?

S: Não acho que devia ser legalizado, porque é feio, vai ter quem não goste. Eu mesma não gostaria que pixassem minha casa. E se legalizassem não teria mais graça. A gente faz mais pra aprontar, é coisa de moleque, a gente faz mais pra aprontar mesmo. Se meus filhos pixassem eu não ia gostar, mais por que é perigoso não porque eu sou contra, é porque é perigoso. Não acho que o pixo seja relacionado com crime, eu mesmo não mexo com drogas, não mexo com nada de errado. Eu gosto de pixar mesmo. Acho que pixação é quase igual graffiti e o graffiti não é pro crime. Acho que a diferença do grafite é que a gente faz em qualquer lugar mesmo, sobe nas coisas, e faz em qualquer lugar, a gente é mais sapeca, mais travesso, só isso. Acho que não tem nada a ver (ser relacionado ao crime).

S: O pixo é feio porque assim, você vai na casa da pessoa sem pedir, só que não acho que é um crime tanto assim. Acho que é arte ainda assim. O grafite é mais desenhado, pode pedir licença pra pessoa pra você fazer. O pixo não, a gente escreve o nosso nome, a nossa gangue e pronto. é mais pro Ego da gente mesmo, entendeu.

Moon - Moradora de Goiânia

K: Como começou a pixar?

M: Eu comecei lá no ensino médio, eu tinha 15 para 16 anos e conheci uma menina que ela fazia graffiti e pixava, E eu tava numa fase bem Rebelde da minha vida... na verdade eu já desenhava e eu gostava muito do graffiti e da pixação em si, achava tudo muito bacana, sabe, mas só olhando de longe nas paredes... E aí conversando com ela, ela disse que eu tinha potencial Por que desenhava bem, sabia brincar muito bem com as cores, enfim aí eu comecei com isso, ela que me ensinou, me levou para o primeiro rolê, e foi assim que eu comecei.

M: Quando eu pixava não gostava muito de pixar casas particulares e nem shopping... eu gostava mais de pixar outros muros, ou no centro da cidade, que ali no centro da cidade é a ponte né, é ali onde está todas as informações, as pessoas passam ali, então eu gostava.

K: Acha que é um tipo de protesto?

M: É com certeza um tipo de protesto, o pixo ele vem desde os primórdios assim como ela chegou aqui no Brasil com a ditadura e tudo mais, o pixo Ele sempre teve essa ideia de protesto e é um tipo de protesto, um tipo de informação, de um diálogo muito direto sabe? mesmo você não querendo ler pixo, alguma frase de forma que dá para entender você já bate o olho e lê automaticamente, então é um tipo de protesto direto.

K: Acha que está se comunicando?

M: Existem vários tipos de pixação né, tem as pixações que são as Paulistas, as Goianas que são mais difíceis de entender essas letras né, porém aquela com letras normais sempre tem. Então, com o pixo, como eu te falei com as letras paulistas e

as letras Goianas Eu Sei Que Eu Estou me comunicando com o pixador... agora com letras normais, em questão de fácil entendimento, Eu Estou me comunicando com todo mundo que passa ali sabe? é uma coisa mútua.

K: Acha que deveria ser legalizado?

M: Acredito que sim, deve ser legalizado, porém é uma coisa muito difícil de acontecer... mas acredito que sim, que deve ser legalizado, porque a gente tem essa divisão de pixação e graffiti só no Brasil. Em Nova York onde foi o Estopim, o expoente, não existe esse tipo de coisa, é tudo graffiti... a gente que separa muito, que divide muito, que classifica muito... lá já existe isso e tudo é uma forma de arte. O graffiti ele tem essa característica de ser mais colorido, iluminação, mais trabalhado, mas o pixo não deixa de ser trabalhado, ele tem sim, ele tem sua estética.

K: Pixo é arte?

M: O pixo, pra mim, é totalmente artístico, atrás daquele pixo tem uma pessoa que pensa algo, que sente algo. Se o pixo tá ali na parede é porque tem alguma coisa errada. Se você parar para perceber, nos lugares que mais tem pixação são os lugares que mais tem conflitos Ou desigualdade social e isso é uma arte dos excluídos, já vem desde muito tempo, você bota na cara da sociedade que você existe, que você está ali, isso é uma forma de arte, além de artística, uma forma de resistência. Acredito sim que o Pixo é arte, ela tem a sua estética particular, e a pixação Não surgiu de um nada, ela tem seus primórdios tem seus viés de escrita egípcia, de escrita antiga. Então ela tem essa característica, ela tem o seu estilo, seu detalhe, seu cuidado. Ela teve um cuidado com isso, treinou muito em casa... então não é só jogar na parede, você tem o seu preparo em casa, na sua mão..